

Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?



Copyright 2019 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[https://tvmundomaior.com.br/wp-content/
uploads/2020/12/umbral.jpg](https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg)

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
Rosana Netto Nunes Barroso
Vladimir Alexei

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, dezembro/2019.

Umbral, **há base doutrinária** **para sustentá-lo?**

(Versão 10)

“A maioria das pessoas ridicularizam o conceito de um meio espiritual tal como o que se desenha nas ‘revelações’; porém, esses senhores, que gastam o ridículo com tanta leviandade, não se lembram de que, assim fazendo, supõem conhecer toda a verdade a respeito do mundo espiritual...” (JAMES HERVEY HYSLOP)

Paulo Neto

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Obras da Codificação Espírita.....	21
Fontes a partir de 1º de abril de 1869.....	66
Das pesquisas de regressão de memória e dos relatos de EQMs.....	88
O que se vê na série “André Luiz”.....	95
Conclusão.....	106
Referências bibliográficas.....	109
Dados biográficos do autor.....	113

Prefácio

Na obra inaugural da Doutrina Kardecista, falando-nos sobre a espécie humana, nos é dito que “os homens estão sempre inclinados a tomar as palavras na sua significação literal” (*).

Essa afirmativa é verídica. Tanto é, que nos romances psicografados por Chico Xavier e ditados pelo Espírito André Luiz, na série “A Vida no Plano Espiritual”, em todos esses livros nós nos deparamos com a palavra UMBRAL, o qual é uma região habitada por seres desencarnados que se encontram em uma vibração inferior.

Contudo, muitos Espíritas e até confrades renomados, não admitem a existência desse lugar descrito pelo “Repórter do Além”, pelo fato deste local, segundo eles, não constar da Codificação elaborada por Allan Kardec.

Ainda falando da literalidade dos termos, diremos que: “de duas a uma”. Ou não houve estudo suficiente destes indivíduos ou eles interpretaram de

forma equivocada o que nos diz o Ilustre Lionês. A propósito, essa questão me faz recordar de várias pessoas que são aferradas apenas às letras bíblicas, as quais não admitem a reencarnação, porque este vocábulo não consta na Bíblia, mesmo sua ideia estando claramente lá.

Entretanto, o pesquisador e escritor Paulo Neto, através de vários textos contidos nas Obras Kardecianas, como também de outros autores, nos mostra *ipsis litteris*, que as TREVAS descritas por diversos desencarnados, correspondem à mesma narrativa que o espírito André Luiz usou.

Lendo este excelente e-book que é fruto de um grandioso trabalho de pesquisa, o leitor amigo não terá mais dúvida alguma, que o UMBRAL está sim, contido nas Obras Fundamentais do Insigne Francês que codificou metodicamente a 3ª Revelação.

Hugo Alvarenga Novaes
Santa Rita do Sapucaí, 18/01/2020

(*) KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, questão 54.

Introdução

Se aventurarmos perguntar a um cristão apegado aos textos bíblicos se a reencarnação existe, certamente nos responderá que não, pois “a palavra de Deus” não fala disso.

É por demais óbvio, a todos nós espíritas, que se pesquisarmos o termo reencarnação na Bíblia, não o veremos ser usado uma única vez.

Entretanto, saindo da letra, para adentrar no “espírito da coisa”, claramente veremos que a sua crença se encontra nela, especialmente no Novo Testamento, para quem quiser ver, ou melhor, para quem tem olhos de ver.

Mencionaremos apenas o fato de que Jesus identificou João Batista como sendo a reencarnação do profeta Elias, cumprindo o que fora previsto por Malaquias (3,1.23-24).

Algo semelhante vemos acontecer no movimento espírita quanto ao umbral, cuja existência é negada por muitos já que “Allan Kardec

não o mencionou”. Nossa intenção nessa pesquisa é exatamente isso, ou seja, ver se poderemos aceitá-lo como uma realidade.

Acreditamos que o teor dessa frase dita por Cesare Baudi De Vesme (1862-1938), pesquisador italiano, tem muito a ver com a situação que vivemos no movimento espírita:

A tendência da natureza humana é tal que a negação de um só basta geralmente para contrabalançar a afirmativa de cem, de mil outras testemunhas oculares. (1)

A negativa da existência do Umbral por alguns vem contaminando o movimento espírita, porquanto o prestígio que possuem acaba inspirando confiança em muita gente que, em razão disso, acredita piamente neles.

Da “Introdução” do ***Evangelho Segundo o Espiritismo*** destacamos a seguinte explicação de Allan Kardec (1804-1869):

Muitos pontos do Evangelho, da *Bíblia* e dos autores sacros em geral só são ininteligíveis,

parecendo alguns até irracionais, por falta da **chave** que nos faculte compreender o seu verdadeiro sentido. **Essa chave está completa no Espiritismo**, como já puderam convencer-se os que o estudaram seriamente, e como todos o reconhecerão melhor ainda, mais tarde. [...]. (2)

Informamos que o grifo em negrito é nosso. Mesmo no caso de texto normal, quando ocorrer de não ser, avisaremos.

Um pouco mais à frente, bem no final do item 5, do cap. I, o Codificador arremata categórico: “[...] **O Espiritismo é a chave** com o auxílio da qual tudo se explica com facilidade.” (3)

Pesquisando nos Evangelhos – Mateus, Marcos, Lucas e João –, encontramos Jesus se referindo a um lugar onde “haverá choro e ranger de dentes”, designando-o de “trevas exteriores” ou apenas “trevas”. Vejamos as passagens em que constam essas expressões:

Mateus 8,11-12: “Mas eu vos digo que virão muitos do oriente e do ocidente, e se sentarão à mesa no Reino do Céu junto com Abraão, Isaac e Jacó, enquanto os herdeiros do Reino

(⁴) serão postos para fora, **nas trevas**, onde haverá choro e ranger de dentes.”

Mateus 13,40-42: “Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: o Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão **na fornalha ardente**. (⁵) Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. O que tem ouvidos, ouça!”

Mateus 13,47-50: “O Reino dos Céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. Assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dentre os justos e os lançarão **na fornalha ardente**. Ali haverá choro e ranger de dentes.”

Mateus 22,11-13: “Quando o rei entrou para examinar os convivas, viu ali um homem sem a veste nupcial e disse-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial?’ Ele, porém, ficou calado. Então disse o rei aos que serviam: ‘Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o fora, **nas trevas exteriores**. Ali haverá choro e ranger de dentes.’”

Mateus 24,48-51: “Se aquele mau servo disse em seu coração: ‘Meu senhor tarda’, e começar a espancar os seus companheiros, a comer e beber em companhia de bebedores, o senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada. Ele o partirá ao meio ⁽⁶⁾ e **lhe imporá a sorte dos hipócritas**. Ali haverá choro e ranger de dentes.”

Mateus 25,26-30: “A isso respondeu-lhe o senhor: ‘Servo mau e preguiçoso, sabias que eu colho onde não semeei e que ajunto onde não espalhei? Pois, então devias ter depositado o meu dinheiro com os banqueiros e, ao voltar, eu receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe o talento que tem e dai-o àquele que tem dez, porque a todos aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado. Quanto ao servo inútil, lançai-o fora **nas trevas**. Ali haverá choro e ranger de dentes!’”

Lucas 13,25-29: “Uma vez que o dono da casa houver se levantado e tiver fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater à porta, dizendo: ‘Senhor, abre-nos’, ele vos responderá: ‘Não sei de onde sois’. Então começareis a dizer: ‘Nós comíamos e bebíamos em tua presença, e tu ensinaste em nossas praças’. Ele, porém, vos responderá: ‘Não sei de onde sois; afastai-vos de mim, vós

*todos, que cometeis injustiça!’ Lá haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos profetas no Reino de Deus, e vós, porém, **lançados fora**. Eles virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e tomarão lugar à mesa do Reino de Deus.”*

Vamos pesquisar nas obras da Codificação para ver se encontraremos algo que possa nos esclarecer a respeito dessa tal de “trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes”.

Podemos adiantar que São Luís, ao se referir às trevas, disse se tratar de local “em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras” (7).

Como já argumentamos em nosso livro **As Colônias Espirituais e a Codificação** (8), aliás, a presente pesquisa é consequência natural daquilo que achamos quando o escrevíamos, os que não aceitam as colônias sempre apresentam o contraponto: “não consta da Codificação, ao contrário, nela está dito que os Espíritos errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado.”



Quanto à existência do umbral, seguem o mesmo caminho, apresentando quase o mesmo tipo de argumento.

O primeiro grande equívoco, a nosso ver, é considerar que Allan Kardec, após a publicação de suas obras, tenha colocado um ponto final na revelação espírita. Porém, nas falas do Codificador, especialmente, na *Revista Espírita* e em *A Gênese*, se entende justamente o contrário:

a) ***Revista Espírita 1866***, mês de julho:

O Livro dos Espíritos não é um tratado completo do Espiritismo; não faz senão colocar-lhe as bases e os pontos fundamentais, que devem se desenvolver sucessivamente pelo estudo e pela observação. ⁽⁹⁾

b) ***Revista Espírita 1868***, mês de dezembro:

Se bem que o Espiritismo não haja dito ainda a sua última palavra sobre todos os pontos, ele se aproxima de seu complemento, e o momento não está longe em que lhe será necessário dar uma base forte e durável, **suscetível, no entanto, de receber todos os desenvolvimentos que as circunstâncias ulteriores comportarem**, e dando toda segurança àqueles que se perguntam quem

lhe tomará as rédeas depois de nós. ⁽¹⁰⁾

O programa da Doutrina não será, pois, invariável senão sobre os princípios passados ao estado de verdades constatadas; para os outros, ela não os admitirá, como sempre o fez, senão a título de hipóteses até a confirmação. Se lhe for demonstrado que ela está no erro sobre um ponto, ela se modificará sobre esse ponto. ⁽¹¹⁾

c) **A Gênese**, publicada em janeiro de 1868:

Além disso, deve-se assinalar que, **em nenhuma parte o ensino espírita foi dado de maneira completa.** Abarca uma quantidade tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que requerem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, de modo que seria impossível estarem reunidas no mesmo ponto todas as condições necessárias. [...].

Desse modo, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários. **Dessa maneira, prossegue ainda agora, já que nem tudo foi revelado. [...]. ⁽¹²⁾**

[...] ***Avançando com o progresso, o Espiritismo jamais será superado, pois, se novas descobertas demonstrarem estar em erro em um determinado ponto, ele se modificará sobre esse ponto. Se uma nova verdade se revela, ele a aceita.*** ⁽¹³⁾ (itálico do original)

Apesar de Allan Kardec ser bem claro quanto à questão da possibilidade de desenvolvimento ou novas revelações, ainda encontramos espíritas que, por agirem à semelhança dos ortodoxos, comportam-se, como já o dissemos, exatamente como os crentes em relação à Bíblia, tomando-a como a única revelação divina, daí não esperarem nenhuma nova revelação, mesmo diante da clareza desta fala de Jesus: *“Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis agora suportar. Quando vier o Espírito de Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena, [...]”* (João 16,12-13)

O segundo engano é usar a resposta da questão 87, de **O Livro dos Espíritos**, fora do seu contexto, para justificarem seus pensamentos.

Entendemos que essa resposta tem sido erroneamente utilizada, por alguns, como sendo uma explícita negação à existência das colônias espirituais, do umbral, e de outros temas correlatos. É preciso vermos a pergunta e a resposta na íntegra:

87. *Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?*

“Os Espíritos estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Há os que estão sem cessar ao vosso lado, observando-vos e atuando sobre vós, sem que o saibais, já que os Espíritos são uma das forças da Natureza e os instrumentos de que Deus se serve para a execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que **há regiões interditas aos menos adiantados.**” ⁽¹⁴⁾
(itálico do original)

Interessante é que não se dá a mínima atenção para a afirmação de que “há regiões interditas aos menos adiantados”, o que fatalmente, nos remete a ideia de locais.

A explicação de “não haver região determinada e circunscrita no espaço” nada tem a ver com a existência ou não das colônias espirituais ou mesmo do umbral, porquanto a questão apresentada por Allan Kardec se refere ao conceito, ainda entranhado na crença popular, de que “o céu” e “o inferno” seriam locais circunscritos, ou seja, teriam um espaço físico delimitado.

Entretanto, pela sutileza dessa questão, é preciso também ver, em ***O Livro dos Espíritos***, o que os Espíritos disseram em resposta à pergunta

1012, que trata justamente da crença “no paraíso, no inferno e no purgatório”:

1012. *Haverá no Universo lugares circunscritos para as penas e gozos dos Espíritos segundo seu merecimento?*

“Já respondemos a esta pergunta. As penas e os gozos são inerentes ao grau de perfeição do Espírito. Cada um tira de si mesmo o princípio de sua felicidade ou de sua desventura. E como eles estão por toda parte, **não existe nenhum lugar circunscrito ou fechado especialmente destinado a uns ou a outros.** [...]”

1012-a. *De acordo com isso, o inferno e o paraíso não existem, tais como o homem os imagina?*

“São simples alegorias: por toda parte há Espíritos felizes e infelizes. Entretanto, conforme também já dissemos, **os Espíritos de uma mesma ordem se reúnem por simpatia, mas, quando são perfeitos, podem reunir-se onde queiram.**” ⁽¹⁵⁾ (itálico do original)

Ao que comenta Allan Kardec:

A localização absoluta das regiões de penas e recompensas só existe na imaginação do homem. Provém da sua tendência a *materializar* e *circunscrever* as coisas, cuja essência infinita é

incapaz de compreender. ⁽¹⁶⁾ (itálico do original)

Percebe-se, claramente, que o foco do Codificador é combater a crença de “céu” e “inferno”, como locais “circunscritos ou fechados” de gozo e penas eternas. Aliás, em **O Céu e o Inferno**, Allan Kardec deixou bem claro que:

O Espiritismo não vem, pois, negar as penas futuras; vem ao contrário, confirmá-las. O que ele **destrói é o inferno localizado** com suas fornalhas e penas irremissíveis. [...]. ⁽¹⁷⁾

Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, como o gozo à perfeição, **a alma traz em si mesma o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem necessidade de lugar circunscrito. O inferno** está por toda parte em que haja almas sofredoras, **como o céu se acha por toda parte onde existam almas felizes.** ⁽¹⁸⁾

Não temos dúvida alguma de que os Espíritos, ao afirmarem “Já respondemos a esta pergunta”, estavam se referindo à resposta que foi dada à pergunta 87.

Nós encontramos a sua definição clássica na

obra **Nosso Lar**, ditada por André Luiz ao médium Chico Xavier (1910-2002). Eis o que o instrutor Lísias diz ao aprendiz:

O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...] **todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas**, que se seguem aos fluidos carnavais. [...].⁽¹⁹⁾

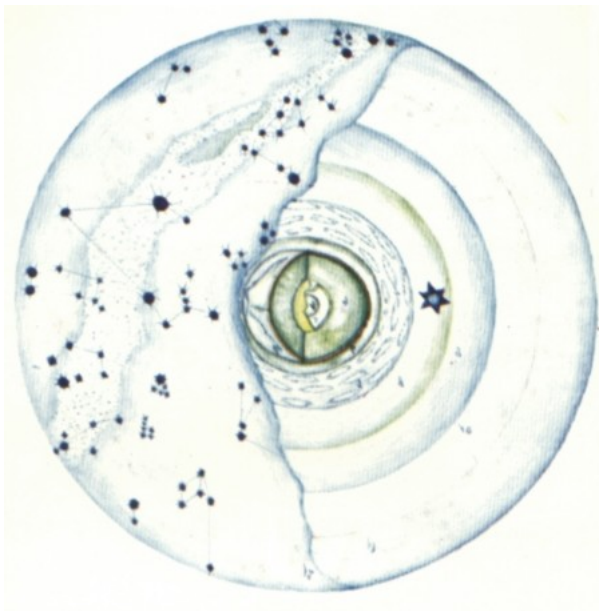
Acreditamos que em volta da Terra há uma espécie de campo de força no qual ficam retidos todos os Espíritos – bons e maus – que não têm evolução espiritual suficiente para deixar a Terra e irem habitar um planeta mais evoluído de modo a continuarem a caminhada evolutiva.

Nesse campo de força existiriam várias faixas (camadas ou esferas) vibratórias, desde a materializada mais próxima aos que vivem na crosta terrestre, onde impera a escuridão, trevas, abismo, seja lá qual nome que se queira designá-lo, até as mais espiritualizadas, com luminosidade

indescritível, conforme o permite a escala deste mundo, que ora habitamos, já que cada orbe tem o seu campo de força correlato.

Ao desencarnarem todo os Espíritos seriam atraídos para a faixa vibratória correspondente à vibração que cada um emite de acordo com a sua evolução moral. Em nossa maneira de ver, a última faixa mais contígua à crosta terrestre, é que estaria “localizado” o Umbral.

Esta imagem representativa da “Esferas Espirituais”, tomamos da obra ***Cidade no Além*** ⁽²⁰⁾:



Discordando da autora, para nós o Umbral estaria na Esfera contígua à crosta terrestre, porquanto, os “habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, [estariam] separados deles apenas por leis vibratórias” (21).

Recomendamos o vídeo postado no YouTube intitulado “O que é Umbral”, por Dr. Sérgio Felipe de Oliveira. (22)

Vejamos o que existe nas obras da Codificação sobre as tais trevas.

Obras da Codificação Espírita

Inicialmente, traremos algo curioso a respeito de um possível fenômeno acontecido com Allan Kardec, que resultou na elaboração da questão 642 de *O Livro dos Espíritos*. Quem nos conta é o Irmão X, no capítulo 7 - Consciência Espírita, da obra **Cartas e Crônicas**, pela psicografia de Chico Xavier:

Conta-se que Allan Kardec, quando reunia os textos de que nasceria “O Livro dos Espíritos”, recolheu-se ao leito, certa noite, impressionado com um sonho de Lutero, de que tomara notícias. O grande reformador, em seu tempo, acalentava a convicção de haver estado no paraíso, colhendo informes em torno da felicidade celestial.

Comovido, **o codificador da Doutrina Espírita, durante o repouso, viu-se também fora do corpo, em singular desdobramento...** Junto dele, identificou um enviado de Planos Sublimes que **o transportou, de chofre, a nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor.** Soluços de aflição casavam-se a gritos de cólera, blasfêmias seguiam-se a gargalhadas de loucura. ⁽²³⁾

Supondo a narrativa um acontecimento real, então, vemos o próprio Codificador tendo a oportunidade de, fora do corpo físico, se deparar com uma “nevoenta região, onde gemiam milhares de entidades em sofrimento estarrecedor”.

As obras que mencionaremos estarão na ordem cronológica de publicação, por julgarmos ser a mais conveniente.

1) **O Livro dos Espíritos**, 2ª edição, 18 de março de 1860:

O capítulo VI – Vida espiritual, traz várias questões sobre como é a vida do espírito no mundo espiritual, no intervalo das encarnações, ou seja, quando ele está no estado de erraticidade. Tomaremos algumas questões:

225. A erraticidade é, por si só, um sinal de inferioridade dos Espíritos?

“Não, porquanto **há Espíritos errantes de todos os graus**. [...]”

232. Os Espíritos errantes podem ir a todos os mundos?

“Depende. Pelo simples fato de haver deixado o

corpo, o Espírito não se acha completamente desprendido da matéria e **continua a pertencer ao mundo em que viveu ou a outro do mesmo grau, a menos que, durante a vida, se tenha elevado.** [...] Pode, no entanto, ir a alguns mundos superiores, mas na qualidade de estrangeiro. A bem-dizer, consegue apenas entrevê-los, e é isso que lhe dá o desejo de melhorar-se, para se tornar digno da felicidade que ali se desfruta e poder habitá-los mais tarde.” (24) (itálico do original)

Uma questão que se poderia colocar é: se estão em graus diferentes, não seria lógico estarem em “lugares” também diferentes? Sendo inconcebível, que bons e maus estejam numa mesma vibração e sintonia, não valerá a lei “O semelhante atrai o semelhante” (25), dita pelos Espíritos superiores à Allan Kardec? Quanto a isso, vejamos a resposta à questão “278. *Os Espíritos das diferentes ordens estão misturados uns com os outros?*”:

“Sim e não; quer dizer: eles se veem, mas se distinguem uns dos outros. **Eles se evitam ou se aproximam, segundo a analogia ou a antipatia de seus sentimentos,** tal como acontece entre vós. *É todo um mundo, do qual o vosso é pálido reflexo. Os da mesma categoria se reúnem por*

uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo desejo de fazerem o mal, pela vergonha de suas faltas e **pela necessidade de se acharem entre seres semelhantes a eles.**”
(²⁶) (itálico do original)

Portanto, na erraticidade, os Espíritos se agrupam por simpatia e afinidade que se expressam “energeticamente”, ou seja, nas vibrações emanadas de cada um. Completamos a explicação com a resposta à próxima questão: “279. *Todos os Espíritos têm livre acesso a qualquer região?*”:

“Os bons vão a toda parte e assim deve ser, para que possam exercer sua influência sobre os maus. Mas **as regiões habitadas pelos bons, são interditas aos Espíritos imperfeitos**, a fim de não as perturbarem com suas paixões inferiores.”
(²⁷)

Ora, “as regiões habitadas”, não seriam elas locais?

Voltaremos à duas questões, que propositalmente pulamos, para que não fossem

interrompidas as explicações que empreenderíamos:

245. *A visão dos Espíritos é circunscrita como a dos seres corpóreos?*

“Não, ela reside neles por inteiro.”

246. *Os Espíritos precisam da luz para ver?*

“Veem por si mesmos, sem precisarem de luz exterior. **Para eles não há trevas, a não ser aquelas em que podem achar-se por expiação.**”
(²⁸) (itálico do original)

Então, de alguma forma existem “trevas”, o que, mais à frente, será confirmado com os depoimentos de Espíritos, dando conta de que estão mergulhados nelas.

Em seu comentário à resposta à questão 973, Allan Kardec explica:

[...] A diversidade dessas consequências é infinita, mas, em tese geral, pode-se dizer que **cada um é punido por aqui em que pecou**. Assim é que uns o são pela incessante visão do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo temor, pela vergonha, pela dúvida, **pelo isolamento, pelas trevas**, pela separação dos seres que lhes são caros etc. (²⁹)

São Luís é o autor da resposta à questão 1019, da qual destacamos o último parágrafo:

“Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado. Ai dos que fecham os olhos à luz! **Preparam para si mesmos longos séculos de trevas** e decepções. Ai dos que fazem dos bens deste mundo a fonte de todas as suas alegrias! Terão que sofrer privações muito mais numerosas do que os gozos de que desfrutaram! Ai, sobretudo, dos egoístas! Não acharão quem os ajude a carregar o fardo de suas misérias.”⁽³⁰⁾

Nessas duas transcrições logo acima, também encontramos referência às trevas, confirmando o já visto e o que ainda será mencionado.

2) **Revista Espírita 1858**, mês de março:

Encontramos no artigo de Allan Kardec intitulado “A pluralidade dos mundos”, em que o Codificador aceita as informações dos Espíritos de que:

[...] não só todos esses globos são habitados por seres corpóreos, mas, que **o espaço está**

povoado por seres inteligente, invisíveis para nós por causa do véu material lançado sobre a nossa alma, e que revelam a sua existência por meios ocultos ou patentes. Assim, **tudo é povoado no Universo**, a vida e a inteligência estão por toda parte; sobre os globos sólidos, **no ar**, nas entranhas da terra, e até **nas profundezas etéreas**. [...]. ⁽³¹⁾

O destaque é para a expressão “nas profundezas etéreas”, pois pode significar regiões sem luz, ou seja, espaço encoberto por trevas. Isso isoladamente talvez seja sem valor, mas no conjunto de informações apresentados, acreditamos que passa a ter importância.

3) **O Que é o Espiritismo**, 15 de julho de 1859:

17. Os Espíritos possuem todas as percepções que tinham na Terra, porém em grau mais alto, porque as suas faculdades não estão amortecidas pela matéria; eles têm sensações desconhecidas por nós, veem e ouvem coisas que os nossos sentidos limitados nos não permitem ver nem ouvir. **Para eles não há obscuridade, excetuando-se aqueles que, por punição, se acham temporariamente nas trevas.** ⁽³²⁾

Então, podemos afirmar que, conforme o pensamento do Codificador, alguns espíritos, por punição, habitarão, temporariamente, as trevas.

Lembrando que a “punição” é um processo decorrente do entendimento da “lei de causa e efeito”. Sou punido pela consciência e pela vida caso infrinja a Lei de amor.

4) **Revista Espírita 1860**, mês de fevereiro:

Do artigo “História de um condenado”, destacamos os seguintes momentos:

a) Pergunta a São Luís e sua resposta:

14. Este Espírito é sofredor e infeliz; **podeis descrever o gênero de sofrimentos que ele suporta?** – R. Está persuadido de que deve permanecer na situação em que se encontra durante a eternidade. Ele vê constantemente o momento em que cometeu o seu crime: Toda outra lembrança foi-lhe retirada, e toda comunicação com um outro Espírito interdita; ele não pode, na Terra, ficar senão nesta casa, e **se está no espaço, está nas trevas e na solidão.** ⁽³³⁾

b) Nota de Allan Kardec, após a questão 125:

Sempre foi dito que as visões das vítimas é um dos castigos dos culpados. Aquele ainda não as vira, porque **estava no isolamento e nas trevas**; era o castigo; mas ele teme essa visão, **isto será talvez o complemento de seu suplício.** ⁽³⁴⁾

Temos aqui importantes personagens - São Luís e Allan Kardec - falando de “isolamento e trevas”, o que, a nosso ver, comprovaria a existência do umbral.

5) **O Livro dos Médiuns**, 15 de janeiro 1861:

No cap. XXV - Evocações, item 282, na questão 3, referindo-se a espíritos que são impedidos de atender a evocação, lê-se:

[...] Há Espíritos que nunca podem comunicar-se: são os que, por sua natureza, ainda pertencem a mundos inferiores à Terra, **bem como os que se encontram nas esferas de punição**, a menos que especial permissão, com um fim de utilidade geral. [...]. ⁽³⁵⁾

Fica evidente que no mundo espiritual há separação do joio e do trigo. Ademais, a existência de “esferas de punição”, que não deixam de ser

locais.

Julgamos que o uso do termo “esferas”, no presente caso, não deve ser necessariamente entendido como “mundos”, pois, se o fosse, era esse o termo que seria utilizado.

Em ***Cartas de uma morta***, psicografia do médium Chico Xavier, encontramos algo a respeito do tema “No plano dos desencarnados”:

Ainda há pouco tempo, meu filho, manifestaste o desejo de que eu te descrevesse o local onde agora me acho no plano espiritual. É

bastante difícil uma descrição literal, com respeito ao meu novo ambiente, mas vou tentar fazê-lo, apesar das deficiências naturais que se me apresentam.

A terra é o centro, isto é, a sede de grande número de esferas espirituais que a rodeiam de maneira concêntrica. Não posso precisar número dessas esferas, porque elas se alongam até um limite que a minha compreensão, por enquanto, não pode alcançar.

Quanto mais evoluído o ser, mais elevada



será a sua habitação, até alcançar o ponto em que essas esferas se interpenetram com as de outros mundos mais perfeitos, seguindo os espíritos nessa escala ascendente do progresso, sob todos os seus aspectos. Somente agora consegui passar à segunda esfera, depois de penosos labores em favor do burilamento de minha personalidade. Procurarei resumir o mais possível para oferecer-te uma ideia do meu habitar. ⁽³⁶⁾

Em algumas transcrições teremos as esferas nesse sentido, e não como referência a outros mundos.

6) **Revista Espírita 1862**, mês de março:

Do artigo “A Reencarnação” (Enviado de La Haye - Médiun, Sr. barão de Kock), transcrevemos o seguinte trecho:

Antes de sua reencarnação, os Espíritos planam nas esferas celestes, os bons gozando-lhes a felicidade, os maus entregando-se ao arrependimento, atormentados pela dor de estarem desamparados por Deus; mas o Espírito conservando a lembrança do passado, lembra-se das infrações aos mandamentos de Deus, [...]. ⁽³⁷⁾

Como o “planam nas esferas celestes” está

sendo colocado como algo comum a todos os Espíritos, podemos entendê-las não como um planeta, mas como um local no mundo espiritual, em que eles se agrupam por similitude de vibrações.

Na mensagem de Lacordaire, intitulada “Instrução Moral” (Paris, grupo Faucherand. – Médium, sr. Planche), lemos:

Do alto das esferas celestes que eu percorro, meu olhar mergulha com felicidade nas vossas reuniões, e é com um vivo interesse que sigo as vossas santas instruções. Mas, ao mesmo tempo em que a minha alma se alegra de um lado, de outro sente uma pena muito amarga, quando penetra os vossos corações e ali vê ainda tanto apego às coisas terrestres. [...]. ⁽³⁸⁾

O Espírito Lacordaire faz referência a “esferas celestes”, que poderiam designar algo relacionado ao mundo espiritual.

7) **Revista Espírita 1862**, mês de junho:

De uma nota em meio ao diálogo com o Espírito Sr. Sanson, Allan Kardec diz que um Espírito lhe deu um quadro dos incrédulos, destacamos o

seguinte trecho:

“[...] No pesadelo comum, o despertar nos tira da inquietação, e vos sentis felizes em reconhecer que não experimentastes senão um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga, frequentemente, por muito tempo, anos mesmo, além do decesso, e o que torna a sensação mais penosa ainda para o Espírito, **são as trevas em que, algumas vezes, está mergulhado.**”⁽³⁹⁾

Allan Kardec comenta o seguinte: “Fomos capazes de observar vários casos semelhantes e que provam que esta pintura nada tem de exagerada.”⁽⁴⁰⁾. Por óbvio, é fácil deduzir que por várias vezes o Codificador se viu diante de descrições de Espíritos mergulhados nas trevas.

8) **Revista Espírita 1862**, mês de novembro:

Um dos comentários de Allan Kardec inserido no artigo “Os mistérios da Torre de São Miguel, em Bordeaux”.

A visão incessante das vítimas é um dos castigos mais comuns infligidos aos Espíritos criminosos. **Aqueles que são mergulhados nas trevas**, o que é muito frequente, não podem, a

miúdo, dele escapar. Não veem nada, se isso não é o que pode lembrar-lhes seu crime. ⁽⁴¹⁾

A expressão “mergulhados nas trevas” é destaque dessa fala de Allan Kardec.

9) **Revista Espírita 1862**, mês de dezembro:

No tópico “Dissertações Espíritas”, temos o artigo “O dia de Todos-os-Santos”, com mensagens assinadas por Marguerite, recebidas pelo médium Sr. Perchet, em 1º de novembro de 1861, das quais destacamos o seguinte trecho:

Meu caro irmão, fiel à promessa, retorno junto a ti. Como te dissera, deixando-te ontem à noite, fui fazer **uma visita ao cemitério**; ali examinei atentamente os **diversos Espíritos em sofrimento**; é de fazer piedade; esse espetáculo doloroso arrancaria lágrimas ao coração mais duro.

Um grande número dessas almas, no entanto, estão muito aliviadas pelos vivos, e **pela assistência dos bons Espíritos**, sobretudo quando têm o arrependimento das faltas terrestres e que fazem seus esforços para se despojarem de suas imperfeições, única causa de seus sofrimentos. Compreendem, então, a sabedoria, a bondade, a grandeza de Deus, e pedem o favor de novas provas para satisfazerem à justiça divina,

expiar e reparar suas faltas, e obter um futuro melhor.

Orai, pois, meus caros amigos, de todo o vosso coração, por esses Espíritos arrependidos que vêm de ser esclarecidos por uma centelha de fogo. [...] muitos dentre eles sabem que têm mesmo provas terríveis a suportar; também **reclamam com instância as preces dos vivos e a assistência dos bons Espíritos**, a fim de poderem suportar com resignação a tarefa difícil que lhes será obrigação.

Digo-vos ainda, e não poderia muito frequentemente vo-lo repetir, para bem vos convencer desta grande verdade: orai do fundo do coração por todos os Espíritos que sofrem, sem distinção de castas, nem de seitas, porque todos os homens são irmãos, e se devem apoiar mutuamente.

Espíritas fervorosos, sobretudo vós que conheceis a situação dos Espíritos sofredores e sabeis apreciar as fases da vida; vós que conheceis as dificuldades que têm a superar, vinde em sua ajuda. É uma bela caridade a de orar por esses pobres irmãos desconhecidos, frequentemente esquecidos de todos, e dos quais não se saberia imaginar o reconhecimento quando se veem assistidos. [...] imaginai então, se é possível, o arrebatamento desse homem, e tereis uma fraca ideia da felicidade que a prece dá aos **infelizes Espíritos que suportam as angústias da punição e do isolamento**. Eternamente vos serão reconhecidos, porque estejais persuadidos de que no mundo dos Espíritos não há ingratos

como sobre a vossa Terra.

[...].

Para todos aqueles, meu caro irmão, que horríveis tormentos! É bem como dizem as Escrituras: Haverá prantos e ranger de dentes. **Serão mergulhados no abismo profundo das trevas.** São chamados vulgarmente esses infelizes de *condenados*, e embora seja mais verdadeiro chamá-los *os punidos*, não sofrem menos por isso torturas tão horríveis quanto a que se atribuem aos condenados ao meio das chamas. **Envolvidos nas mais espessas trevas de um abismo que lhes parece insondável, se bem que não seja circunscrito como se vos ensina,** sentem sofrimentos morais indescritíveis, até que abram seu coração ao arrependimento.

Ocorre que, algumas vezes, ficam séculos nesse estado, sem que lhes seja possível prever o fim de seus tormentos; também dizem que estão condenados pela eternidade. [...] cedo ou tarde, os Espíritos se abrem ao arrependimento, e então Deus, tomando em piedade suas infelicidades, **envia-lhes um anjo que lhes dirige palavras consoladoras,** e lhes abre um caminho tanto mais largo quanto fez por eles mais preces aos pés do Eterno.

[...].

Se o Espírito sofredor é muito endurecido, muito material, para que a prece tenha acesso em sua alma, um Espírito puro a recolhe como um aroma precioso, e a deposita nas ânforas celestes, até o dia em que elas poderão servir ao

culpado.

Para que a prece traga o seu fruto, não basta balbuciar as palavras como a maior parte dos homens; a prece que parte do coração é a única agradável ao Senhor, a única que será levada em conta e que traz alívio aos Espíritos que sofrem.

Tua irmã, que te ama,

MARGUERITE. ⁽⁴²⁾

Temos aqui, novamente, notícias do “abismo profundo das trevas”, da possibilidade de nossas preces ajudarem os sofredores de toda ordem, e, ainda, da ajuda que Deus, através de seus mensageiros, dedica a todos.

10) **Revista Espírita 1863**, mês de julho:

Mensagem “Bem-aventurados os que têm olhos fechados” (Sociedade Espírita de Paris, 19 de junho de 1863 - Médiun, sr. Vézy), ditada pelo Espírito Vianney, cura d’Ars, da qual destacamos este trecho:

Oh! sim, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! mais feliz do que vós que aqui estais, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode se lançar com elas às **esferas espirituais** que os

próprios predestinados da Terra não veem. ⁽⁴³⁾

Aqui, o Espírito Vianney foi mais específico ao se utilizar da expressão “esferas espirituais”.

11) **Revista Espírita 1863**, mês de agosto:

Trecho do diálogo com o Espírito Jean Reynaud (1808-1863), que, entre outros, escreveu o livro *Terre et Ciei*, condenado e colocado no *Index* ⁽⁴⁴⁾ pela corte de Roma ⁽⁴⁵⁾. Allan Kardec o considerou como um precursor do Espiritismo ⁽⁴⁶⁾:

P. Quando vivo, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não praticam; pratiquei e não professei. Do mesmo modo que todo homem é cristão, que seguem as leis do Cristo, fosse isso sem conhecê-las, do mesmo modo todo homem pode ser Espírita que crê em sua alma imortal, em suas preexistências, em sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava; era, pois, Espírita. Compreendi a **erraticidade**, este laço intermediário entre as encarnações, **esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova**, onde o Espírito em progresso tece

com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar. ⁽⁴⁷⁾

A comparação da erraticidade com um purgatório “onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas” é bem semelhante ao que se diz do umbral.

12) **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, publicado em 29 de abril de 1864:

No capítulo III - Há muitas moradas na casa de meu Pai, Allan Kardec discorrendo sobre os “Diferentes estados da alma na erraticidade”, explica:

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no Espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

Independente da diversidade dos mundos, **essas palavras também podem ser entendidas como se referindo ao estado feliz e infeliz do Espírito na erraticidade**. Conforme se ache este mais ou menos depurado e desprendido dos laços materiais, **o meio em que ele se encontre, o**

aspecto das coisas, as sensações que experimente variarão ao infinito. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e **percorrem o Espaço** e os mundos; enquanto **alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas**, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, **enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos objetos de sua afeição, geme sob a opressão dos sofrimentos morais**, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Essas, também, são outras tantas moradas, embora não circunscritas nem localizadas. ⁽⁴⁸⁾

Entende-se perfeitamente, que existem gradações no mundo espiritual, nas quais os Espíritos se agrupam, por afinidade vibratória, de conformidade com seus graus evolutivos, como também com o objetivo de ajudar aos retardatários. Aqui se observa Allan Kardec também mencionar o fato de que “alguns Espíritos culpados vagueiam nas trevas.”

13) **Revista Espírita 1864**, mês de agosto:

No artigo “Os Milagres dos Nossos Dias” ⁽⁴⁹⁾,

Allan Kardec comenta esta obra de Auguste Bez (?-?), notório espírita de Bordeaux, tendo sido Diretor de vários jornais espíritas editados pela União Espírita Bordelense ⁽⁵⁰⁾, na qual ele, Bez, trata da mediunidade de Jean Hillaire. Com uma publicação da editora Madras dessa obra em mãos, nela encontramos algo bem interessante:

[...] Depois de alguns minutos de muita ansiedade, viram Hillaire levantar-se, embora ainda estivesse dormindo, falar com o Espírito de seu pai – que ele parecia ver, e que ele via, devo dizer, perto dele, à sua direita.

“Para onde esse espírito me conduz, meu bom pai?, dizia ele, por que ele atravessa o espaço assim tão rapidamente?” E, repetindo para si mesmo a resposta de seu pai, ele dizia: “É o Espírito de P... **(O Espírito mau) que a vontade de Deus obriga a retomar o lugar de seus sofrimentos** e nós o seguiremos, meu filho; logo chegaremos com ele”.

Depois de alguns minutos de silêncio, ele **fez a descrição de um país onde tudo lhe era desconhecido; lá, ele via, no meio da escuridão profunda, uma multiplicidade incalculável de Espíritos com aspecto, ao mesmo tempo, sinistro e infeliz**; a cena aos poucos parecia se iluminar e, logo depois, ele viu as chamas ardentes envolverem os infelizes e torturá-los sem piedade. [...]. ⁽⁵¹⁾

Portanto, aqui temos a descrição de um local em meio a uma escuridão profunda, onde milhares de Espíritos infelizes vivem.

É importante colocarmos alguns trechos do comentário de Allan Kardec, constantes da **Revista Espírita 1864**, para que se tome ciência da seriedade com que ele tratou essa obra de Auguste Bez, na qual se destaca o fac-símile da dedicatória do médium a Allan Kardec, que tinha Jean Hillaire como “médium notável” ⁽⁵²⁾:

As faculdades de Hillaire são muito múltiplas (sic); ele é médium vidente de primeira ordem, auditivo, falante, extático, e além disso escrevente. Obteve escrita direta e transportes muito notáveis. Várias vezes se elevou e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver se levantar uma mesa. **Todas as comunicações e todas as manifestações que obteve atestam a assistência de Espíritos muito bons, e ocorrem sempre em plena luz.** Frequentemente, ele entra espontaneamente no sono **sonambúlico, e é quase sempre nesse estado que se produzem os fenômenos mais extraordinários.** ⁽⁵³⁾

Entendemos que Allan Kardec, por ter lido essa

obra, ao fazer comentários positivos sobre ela, de certa forma dá um *referendum* a seu conteúdo.

14) **O Céu e o inferno**, 1º de agosto de 1865:

Na Primeira parte, capítulo VII – As penas futuras segundo o Espiritismo, do tópico “Código penal da vida futura”, destacamos o item 25º:

Alguns Espíritos há mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço, atormentados pela ignorância de sua posição, como da sorte que os aguarda. **Os mais culpados padecem torturas muito mais pungentes por não lhes entreverem um termo**. Muitos são privados de ver os seres amados, e todos, geralmente, suportam com intensidade relativa os males, as dores e as privações que causaram aos outros, **até que o arrependimento e o desejo de reparação lhes suavize os tormentos e os faça entrever a possibilidade de, por eles mesmos, pôr um termo a essa situação.** ⁽⁵⁴⁾

O destaque é a clara afirmação de que “alguns Espíritos há mergulhados em densas trevas; outros se encontram em absoluto isolamento no Espaço”.

Na sua Segunda Parte, temos vários casos das

situações dos Espíritos no mundo espiritual. Ao término do capítulo I – A passagem, Allan Kardec, em nota, esclarece que:

[...] Esses exemplos poderiam ser multiplicados infinitamente, porém, forçados a limitar-lhes o número, **fizemos escolha dos que pudessem melhor esclarecer o mundo espiritual e o seu estado**, já pela situação dos Espíritos, já pelas explicações que estavam no caso de fornecer. A maior parte destes exemplos são inéditos e apenas alguns poucos já foram publicados na *Revista Espírita*. [...]. ⁽⁵⁵⁾

a) Capítulo II – Espíritos felizes, Um médico russo

Trecho do seu diálogo:

P. *Que região habitais? Acaso algum planeta?* –
 R. **Tudo que não seja planeta constitui o que chamais Espaço. É aí que me encontro. Mas quantas gradações existem nessa imensidade, das quais o homem não pode fazer ideia!** Quantos degraus nessa escada de Jacó que vai da Terra ao Céu, isto é, do aviltamento da encarnação em mundo inferior, como o vosso, até a depuração completa da alma! **Aqui onde ora me encontro só se chega depois de uma série enorme de provas, ou seja, de muitas encarnações.** ⁽⁵⁶⁾

(itálico do original)

O Espírito identificado como “Um médico russo”, dentre os vários felizes a nós apresentados por Allan Kardec, afirma que reside num lugar no espaço, demonstrando também haver graduações no mundo espiritual, das quais não temos a menor ideia.

b) Capítulo IV – Espíritos sofredores: Lisbeth e Claire

b.1) Espíritos sofredores: Lisbeth

5. Desde então não progredistes como Espírito?

– R. Não; a matéria se revoltava sempre, e tu não podes avaliar a influência que ela ainda exerce sobre mim, a despeito da separação do corpo. O orgulho me prende a fores cadeias, cujos anéis comprimem cada vez mais o mísero que lhe hipoteca o coração. O orgulho, hidra de cem cabeças a se renovarem incessantemente, modulando silvos envenenados que chegam a parecer celeste harmonia! **O orgulho! Esse demônio multiforme que se amolda a todas as aberrações do Espírito**, em que oculta em todos os refolhos do coração; que penetra as velas; que absorve e **arrasta às trevas da eterna geena!** Oh! Sim... eterna! ⁽⁵⁷⁾ (itálico do original)

b.2) Espíritos sofredores: Claire.

Sobre a situação de Félix, seu marido, o Espírito Claire, diz:

[...] Queres saber a situação do pobre Félix? **Erra nas trevas, vítima da profunda nudez de sua alma.** Superficial e leviano, aviltado pelo prazer, nunca soube o que eram o amor e a amizade. Nem mesmo a paixão esclareceu suas sombrias luzes. Seu estado presente é comparável ao da criança inapta para as funções da vida e privada de todo o amparo dos que a assistem. **Félix vaga aterrorizado nesse mundo estranho** onde tudo fulgura ao brilho desse Deus que ele negou... ⁽⁵⁸⁾

Allan Kardec, comentando a situação de Claire, esclarece-nos:

Esses Espíritos, quando desencarnados, não podem de uma hora para outra adquirir a delicadeza dos sentimentos e, durante um tempo mais ou menos longo, **ocuparão as camadas inferiores do mundo espiritual**, tal como acontece na Terra: assim permanecerão enquanto se mostrarem rebeldes ao progresso; porém, com o tempo, a experiência e as tribulações e misérias das sucessivas encarnações, chegará o momento de conceberem algo de melhor do que então

possuíam; [...]. (59)

Ao mencionar as camadas inferiores do mundo espiritual, Allan Kardec sancionaria a existência das mencionadas gradações ou, em outras palavras, esferas ou faixas espirituais, em que se abrigam os Espíritos que se assemelham em suas características ou vibrações.

Visando elucidar essa questão, o Codificador pergunta ao Espírito São Luís:

P. *Que devemos entender por trevas em que se acham mergulhadas certas almas sofredoras? Serão aquelas tantas vezes referidas nas Escrituras?*

R. Sim, são as trevas designadas por Jesus e pelos profetas, ao se referirem ao castigo dos maus. Isso, porém, não passava de alegoria destinada a ferir os sentidos materializados dos seus contemporâneos, os quais jamais poderiam compreender a punição de maneira espiritual. **Certos Espíritos estão imersos em trevas**, devendo-se, contudo, entender por isso uma verdadeira noite da alma comparável à obscuridade intelectual do idiota. Não é uma loucura da alma, porém, uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, a qual se produz quer na presença, quer na ausência da luz material. É,

principalmente, a punição dos que duvidaram do seu destino. [...]. ⁽⁶⁰⁾ (itálico do original)

Evocado, novamente, o Espírito Claire disse:

Eis-me aqui. **Também eu posso responder à pergunta relativa às trevas, pois vaguei e sofri por muito tempo nesses limbos onde tudo é soluço e misérias.** Sim, **existem as trevas visíveis de que fala a Escritura**, e os infelizes que deixam a vida, ignorantes ou culpados, **são imersos na fria região**, inconscientes de si mesmos e do seu destino. Acreditando na perenidade dessa situação, a sua linguagem é ainda a da vida que os seduziu, e admiram-se e espantam-se da profunda solidão; **são, portanto, lugares de trevas, povoados e ao mesmo tempo desertos, espaços em que erram obscuros Espíritos lastimosos**, sem consolo, sem afeições, sem socorro de espécie alguma. [...] **Para o Espírito, as trevas são: a ignorância, o vácuo, o horror ao desconhecido...** Não posso continuar...

Claire. ⁽⁶¹⁾

Ao que Allan Kardec esclarece que “ainda sobre este ponto obtivemos a seguinte explicação”:

“Por sua natureza, o perispírito possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o

influxo da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades estão para o fluido perispirítico como a fricção para o fósforo. **A intensidade da luz é diretamente proporcional à pureza do Espírito**, de sorte que as menores imperfeições morais a atenuam e enfraquecem. **A luz irradiada por um Espírito será tanto mais viva quanto maior for o seu adiantamento.** Sendo o Espírito, de algum modo, o seu *próprio farol*, verá mais ou menos a intensidade da luz que produz, de onde se conclui que os Espíritos que não a produzem acham-se na obscuridade.”

Esta teoria é perfeitamente exata quanto à **irradiação de fluidos luminosos pelos Espíritos superiores** e é confirmada pela observação, embora não pareça ser a verdadeira causa, ou pelo menos, a única causa do fenômeno; primeiro, porque **nem todos os Espíritos inferiores estão em trevas**; segundo porque **um mesmo Espírito pode achar-se alternadamente na luz e na obscuridade**; e terceiro porque a luz também é castigo para os Espíritos muito imperfeitos. **Se a obscuridade em que estão imersos certos Espíritos fosse inerente à suas personalidades, essa obscuridade seria permanente e geral para todos os maus Espíritos**, o que, aliás, não acontece, visto que **os Espíritos da mais requintada perversidade veem perfeitamente, em trevas profundas.** Tudo indica, portanto, que além da luz que lhes é própria, os Espíritos recebem uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias. Conclusão: **a obscuridade depende de uma causa ou de uma vontade estranha, constituindo punição especial da**

Soberana Justiça, para casos determinados. ⁽⁶²⁾
(itálico do original)

Confirma-se, portanto, a existência de trevas para Espíritos de certo nível evolutivo como “punição especial” da Soberana Justiça.

A impressão que ficamos é a de que a luz emanada do perispírito dos Espíritos superiores também serve de “castigo” a certos Espíritos de grau inferior.

c) Capítulo V – Suicidas, Mãe e filho:

c.1) Evocação da mãe:

– Quero ver meu filho! Tendes o poder de mo devolver? Cruéis!... Eles mo tomaram para o levarem à luz, e **a mim me deixaram em trevas**. Quero-o... quero-o porque me pertence!... De nada vale o amor materno? [...]. ⁽⁶³⁾

c.2) Duplo suicídio, por amor e por dever:

Vejam os diálogos ocorridos após a evocação da mulher:

1. *Vedes o vosso amante, com o qual vos suicidastes?* – R. Nada vejo, nem mesmo os Espíritos que comigo erram neste mundo. **Que noite! Que noite! E que véu espesso sobre o meu rosto!**

4. *Credeis que ficareis sempre nesta situação?* – R. Oh! Sempre, sempre! **Ouçó às vezes risos infernais, vozes assustadoras que me bradam estas palavras: “Sempre assim!”**

7. *Dissestes que estais em trevas. Não nos vedes?* – R. É-me permitido ouvir algumas palavras que pronunciais, mas só vejo um crepe negro sobre o qual se desenha, em certas horas, um semblante que chora. ⁽⁶⁴⁾ (itálico do original)

Além de viver nas trevas, a infortunada criatura ouvia vozes dizendo que permaneceria para sempre nessa condição.

Esse caso também foi registrado na **Revista Espírita 1862**, mês de julho. Após o diálogo, Allan Kardec comenta-o em nota, da qual destacamos o parágrafo inicial:

A obscuridade, assim como o demonstra a observação dos fatos, acompanha, muito frequentemente, o castigo dos Espíritos criminosos; ela sucede imediatamente à morte, e sua duração, muito variável segundo as

circunstâncias, pode ser de alguns meses a alguns séculos. Concebe-se facilmente o horror de semelhante situação, na qual o culpado não entrevê senão o que pode lembrar-lhe a falta e aumentar, pelo silêncio, a solidão e a incerteza em que está mergulhado, as ansiedades do remorso.
(⁶⁵)

Allan Kardec confirma, portanto, que a obscuridade, ou seja, as trevas, conforme demonstra a observação dos fatos, acompanham frequentemente os Espíritos infratores da lei de amor.

c.3) Félicien, outro Espírito de suicida, também afirmou ouvir vozes, a certa altura em sua comunicação, reclama:

[...] Agora, só tenho necessidade de preces; orai, principalmente, para **que me veja livre desses horríveis companheiros que aqui estão junto de mim, obsediando-me com gritos, sorrisos e motejos infernais**. Chamam-me covarde, e com razão, porque é covardia renunciar à vida. [...]. (⁶⁶)

O fato desses espíritos ouvirem gritos, nos leva a concluir, que, de fato, existem gradações no plano

espiritual, de forma que os afins vivem na mesma faixa vibracional.

Interessante é que o relato que temos na obra *Nosso Lar*, a primeira da série “André Luiz”, também nos dá conta de uma situação incrivelmente semelhante. Há uma narrativa na qual o próprio autor espiritual confessa ter ouvido vozes a lhe dizer: “Suicida! Suicida! Criminoso infame!” (67)

c.4) O Espírito de Castelnau, que assombrava uma pequena casa perto dessa localidade:

1. P. (A São Luís.) *Tende a bondade de nos descrever o gênero de suplício deste Espírito.* – R. É atroz, porque está condenado a habitar a casa em que cometeu o crime, sem poder fixar o pensamento noutra coisa que não no crime, tendo-o sempre ante os olhos e acreditando na eternidade de tal tortura. Está como no momento do próprio crime, porque qualquer outra recordação lhe foi retirada e interdita toda comunicação com qualquer outro Espírito. Sobre a Terra, só pode permanecer naquela casa, e **no Espaço só lhe restam solidão e trevas.** (68) (itálico do original)

O curioso é a interdição, certamente

temporária, desse Espírito em se comunicar com qualquer outro Espírito. Estava, por assim dizer, como que “preso” àquela casa e, caso saísse dela, só lhe restariam solidão e trevas.

Evocado Castelnauary respondeu a várias perguntas, entre as quais destacamos:

17. Tende a bondade de nos descrever a vossa situação antes de vos evocarmos pela primeira vez. Haveis de compreender que este pedido tem por fim sabermos como vos poderemos ser úteis, e não por mera curiosidade. – R. Como já vos disse, eu não tinha consciência de coisa alguma, além do meu crime, e não podia abandonar a casa em que o cometi, **a não ser para vagar no Espaço, onde só havia à minha volta solidão e obscuridade**; disso eu não poderia vos dar uma ideia, porque nunca logrei compreender o que se passava. Desde que me alçava ao Espaço, tudo era negro e vazio; nem mesmo sei o que era... Hoje o meu remorso é muito maior, e no entanto, não estou constrangido a permanecer naquela casa fatal, sendo-me permitido vagar na Terra e orientar-me pela observação de quanto aí vejo, compreendendo melhor, assim, a enormidade dos meus crimes; e se menos sofro por um lado, por outro aumentam as torturas do remorso... Mas... ainda bem que tenho esperança. ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original, negrito nosso)

O próprio Espírito confirma a solidão e obscuridade na qual vivia, caso vagasse pelo Espaço.

d) Capítulo VII - Espíritos endurecidos:
Lapommeray

É relatado também na *Revista Espírita 1864*, mês de julho, no artigo “O Castigo pela Luz” (70). Eis sua mensagem:

“Que entendeis por perturbação? Para que essas palavras sem sentido? Sois sonhadores e utopistas. Ignorais por completo o assunto de que vos ocupais. Não senhores, a perturbação não existe, a não ser nos vossos cérebros. Estou bem morto, tão morto quanto possível e vejo claro em mim, em derredor de mim, por toda parte!... A vida é uma lúgubre comédia! Insensatos os que se retiram da cena antes que o pano caia. A morte é terror, aspiração ou castigo, conforme a fraqueza ou a força dos que a temem, afrontam ou imploram. Mas é também para todos amarga irrisão. ***A luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do meu ser...*** Castigaram-me com as trevas do cárcere e acreditavam castigar-me ainda com as trevas do túmulo, isto é, as sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem! Sois vós que padeceis da obscuridade, enquanto eu, degredado social, me coloco em plano superior. Eu quero ser o que sou... Forte pelo pensamento, desdenhando dos conselhos que zumbem aos

meus ouvidos... Vejo claro... Um crime! Não passa de uma palavra! O crime existe em toda parte. Quando executado pelas massas, glorificam-no; quando praticado individualmente, consideram-no infâmia. Absurdo! Não quero que me deplorem... nada peço... lutarei por mim mesmo, **lutarei só contra esta luz odiosa.**”

Aquele que ontem era um homem

Vejamos o primeiro parágrafo do comentário do Codificador:

Esta comunicação foi analisada na assembleia seguinte, reconhecendo-se no próprio cinismo da linguagem um grande ensinamento, depreendendo-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Efetivamente, enquanto **alguns são imersos em trevas ou num absoluto insulamento, outros sofrem por longos anos as angústias da extrema hora ou se acreditam ainda encarnados.** Para este, a luz brilha e o Espírito goza plenamente das suas faculdades, sabendo perfeitamente que está morto e não se lastimando, antes repelindo qualquer assistência e afrontando ainda as leis humanas e divinas. Significa dizer que escapará à punição? De modo algum; é que a Justiça de Deus se cumpre de todas as formas, e **o que causa alegria a uns, é tormento para outros. A luz faz o suplício desse Espírito,** e é ele próprio que o confessa, a despeito do seu orgulho, quando diz que lutará por si mesmo, só, contra essa luz odiosa. E ainda nesta frase: “a luz ofusca e penetra, qual flecha aguda, a sutileza do

meu ser”. Essas palavras: *sutileza do meu ser* são características; reconhece, assim, que o seu corpo é fluídico e penetrável à luz, à qual não pode escapar, e essa luz o atravessa qual se fora aguda flecha. ⁽⁷¹⁾ (itálico do original)

A curiosidade aqui é que, além do castigo nas trevas, pode ocorrer para alguns Espíritos a punição na luz.

Por oportuno, vejamos também este trecho da mensagem de Erasto sobre esse caso:

Precipitar um homem nas trevas ou em ondas de luz não dará o mesmo resultado? Tanto num caso como em outro, esse homem nada vê do que o cerca e habituar-se-á mesmo mais facilmente do que a monótona claridade elétrica, na qual pode estar submerso. Assim, o Espírito que se manifestou na última sessão exprime bem a verdade quando diz: “Oh! eu saberei libertar-me dessa odiosa luz.” **De fato, essa luz é tanto mais terrível, horrorosa, quanto ela o penetra completamente e lhe devassa os pensamentos mais íntimos.** Aí está uma das circunstâncias mais rudes de tal castigo espiritual. **O Espírito se encontra, por assim dizer, enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates.** Disso decorre ainda um ensinamento, visto como o que seria alegria e consolo para o sábio, transforma-se em punição infamante e contínua para o perverso,

para o criminoso, para o parricida, sobressaltado em sua própria personalidade. (72)

Erasto confirma que o Espírito sofria por conta da luz, que exemplifica relacionando-a a estar “enclausurado na casa de vidro pedida por Sócrates”. Infelizmente, não conseguimos identificar nada sobre essa casa, mas fica aí o registro.

15) **Revista Espírita 1865**, mês de dezembro:

Trecho de uma comunicação ocorrida na Sociedade de Paris, a 29 de outubro:

Sede daqueles que se instruem; eu fui abatido na idade madura de meu orgulho, e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam aproveitáveis para aqueles que imitam meu raciocínio passado, **para evitar o abismo de trevas de onde vossos cuidados me retiraram.**

Vede, ainda há perturbação em minha linguagem; mais tarde, poderei vos falar com mais lógica; sede indulgentes com minha juventude espiritual.

M... L... (73)

Conselho de quem passou pela experiência:

abater o orgulho para não cair nas trevas.

16) **Revista Espírita 1867**, mês de agosto:

Informa Allan Kardec “Num grupo Espírita de Marseille, a Sra. T..., um dos médiuns, escreveu espontaneamente a comunicação seguinte”:

Escutai um infeliz que foi arrancado violentamente do meio de sua família, e que não sabe onde está... **No meio das trevas em que me encontro, pude seguir o raio luminoso de um Espírito**, ao que se me diz; mas não creio nos Espíritos. Bem sei que é uma fábula inventada pelas cabeças de vento e crédulas... De minha parte, disso não compreendo mais nada... [...]. também aproveitei da luz que me conduziu aqui para vir haurir informações junto a vós. ⁽⁷⁴⁾

Interessante o relato que os Espíritos mais elevados, aqui visto como uma luz que o conduziu, trabalham incessantemente a favor de todos.

17) **Revista Espírita 1868**, mês de março:

Contém o artigo “Correspondência inédita de Lavater, com a Imperatriz Maria da Rússia”, datadas de Zurich, em 1798. O autor desses documentos, sobre o futuro da alma, trata-se de Johann Kaspar

Lavater (1741-1801), escritor suíço, pastor protestante e fundador da fisiognomia (ou fisiognomonía), um movimento antirracional, religioso e literário (75).

Citaremos um trecho da primeira carta, escrita em 1º de agosto de 1798:

Existe uma lei geral da Natureza, estreitamente ligada, mesmo idêntica, ao princípio acima mencionado, concernente ao estado da alma depois da morte, uma lei equivalente em todos os mundos, em todos os estados possíveis, no mundo material e no mundo espiritual, visível e invisível, a saber:

“O que se assemelha tende a se reunir, tudo o que é idêntico se atrai reciprocamente, se não existirem obstáculos que se oponham à sua união.”

Toda a doutrina sobre o estado da alma depois da morte está baseada sobre este simples princípio; tudo o que chamamos comumente: julgamento preliminar, compensação, felicidade suprema, condenação, pode ser explicado desta maneira: **“Segundo semeaste o bem em ti mesmo, em outros e fora de ti, pertencerás à sociedade daqueles que, como tu, semearam o bem em si mesmos e fora deles; gozarás da amizade daqueles aos quais te assemelhaste em sua maneira de semear o bem.”**

Cada alma separada de seu corpo, livre das

cadeias da matéria, aparecerá a si mesma tal qual é em realidade. Todas as ilusões, todas as seduções que impedem de se reconhecer e dever suas forças, suas fraquezas e seus defeitos desapareceram. Ela sentirá uma tendência irresistível a se dirigir para as almas que se lhe assemelham, e a afastar-se daquelas que não se lhe assemelham. Seu próprio peso interior, como obedecendo à lei da gravidade, **a atirárá nos abismos sem fundo** (ao menos é assim que isso lhe parecerá); ou bem segundo o grau de sua pureza, ela se lançará como uma centelha levada pela leveza nos ares, e **passará rapidamente pelas regiões luminosas, fluídicas e etéreas.** ⁽⁷⁶⁾
(itálico do original)

Temos mencionada a lei de afinidade representada na expressão “O semelhante atrai o semelhante” ⁽⁷⁷⁾, pela qual os espíritos se agrupam.

Fala também em “Abismos sem fundo”, ou seja, regiões de trevas, obviamente, em contrapartida com as regiões luminosas, fluídicas e etéreas.

Vejamos, por oportuno, um trecho do “Preâmbulo” escrito pelo Codificador sobre essas cartas de Lavater:

Essas cartas, em número de seis, apresentam o mais alto interesse, naquilo que **provam positivamente que as ideias espíritas**, e notadamente as da possibilidade de relações entre o mundo espiritual e o mundo material, germinava na Europa setenta anos mais cedo, e que não só o célebre fisiognomista tinha a convicção dessas relações, mas que **era ele mesmo o que, no Espiritismo, chama-se um médium intuitivo**, quer dizer, **um homem recebendo, por intuição, as ideias dos Espíritos** e transcrevendo suas comunicações. As cartas de um amigo defunto que Lavater tinha juntado às **suas próprias cartas, são eminentemente espíritas; elas desenvolvem e esclarecem, de maneira tão engenhosa quanto espirituosa, as ideias fundamentais do Espiritismo, e vêm em apoio de tudo o que esta doutrina oferece de mais racional, de mais profundamente filosófico, religioso e consolador para a Humanidade**. As pessoas que não conhecem o Espiritismo poderão supor que as cartas de um Espírito ao seu amigo na Terra não são senão uma forma poética que Lavater dá às suas próprias ideias espiritualistas; mas aqueles que estão iniciados nas verdades do Espiritismo, as encontrarão em suas comunicações, tal como foram e são ainda dadas pelos Espíritos, por intermédio de diferentes médiuns intuitivos, auditivos, escreventes, falantes, extáticos, etc. Não é natural supor que o próprio Lavater tenha podido conceber e expor com uma tão grande lucidez e tanta precisão, ideias abstratas e tão elevadas sobre o estado da alma depois da morte e seus meios de comunicação com os Espíritos

encarnados, quer dizer, os homens. **Estas ideias não podem provir senão dos próprios Espíritos desencarnados.** É indubitável que um deles, tendo guardado sentimentos de afeição por um amigo ainda habitante da Terra, lhe deu, por intermédio de um médium intuitivo (talvez o próprio Lavater fosse esse amigo), noções sobre esse assunto para iniciá-los nos mistérios do túmulo, na medida do que é permitido a um Espírito de revelar aos homens, e do que estes últimos estão em estado de compreender. ⁽⁷⁸⁾

Fica bem claro, portanto, que Allan Kardec tem como verdades espíritas o que escreveu Lavater em suas cartas à Imperatriz Maria Feodorowna (1759-1828).

18) **Revista Espírita 1868**, mês de maio:

Trecho da comunicação do Espírito Philippeau:

O médico. Eu gostaria, de toda a minha alma, de vos satisfazer, senhora, mas temo muito não o poder inteiramente; no entanto, vou tentar.

Uma vez morto, materialmente falando, acreditava que tudo estava acabado; portanto, quando a minha matéria ficou inerte, compreendi espantado que ainda me sentia vivo.

Vi esses homens me levarem, e disse a mim mesmo: No entanto, não estou morto! Eles não

veem, pois, esses médicos imbecis, que eu vivo, que eu respiro, que eu caminho, que eu os olho, que os sigo, essas pessoas que vêm ao meu enterro!... Quem é, pois, que se enterra?... Não é, pois, a mim... Eu escuto uns e outros: “Esse pobre Philippeau, diziam, fez muitas curas; bem que matou alguns; hoje é a sua vez; quando a morte aí está, perdemos nosso tempo.” Inutilmente gritei: “Mas Philippeau não morre como esse; eu não estou morto!” eu não era ouvido, não era visto.

Três dias se passaram assim; eu havia desaparecido do mundo, e me sentia mais vivo do que nunca. Seja acaso, seja a Providência, meus olhos caíram sobre uma brochura de Allan Kardec; li suas descrições sobre o Espiritismo, e disse a mim mesmo: Serei, por acaso, um Espírito?... Eu li, reli, e compreendi, então, a transformação de meu ser: eu não era mais um homem, mas um Espírito!... Sim; mas, então, que tinha a fazer nesse mundo novo? nessa nova esfera?... Eu errava, procurava: encontrei o vazio, a sombra, o abismo, enfim.

O que tinha feito, pois, deixando o mundo, para vir habitar essas trevas?... O inferno é, pois, negro e foi nesse inferno que caí?... Por quê?... Porque trabalhei toda a minha vida? Porque empreguei a minha existência para cuidar de uns e de outros, para salvá-los quando a minha ciência me permitiu?... Não! Não!... Por que então? Porquê?... procura! Procura!... Nada; eu não encontro nada. ⁽⁷⁹⁾ (itálico do original)

Muitas vezes encontramos a referência a trevas como estado de inconsciência da própria morte, não parece ser o caso de Philippeau.

Diante de tudo isso que levantamos na Codificação, para nós fica bem fundamentado a existência de regiões de trevas, que não é nada impróprio as designar de umbral.

Não seremos tão ortodoxos a ponto de exigir que sejam empregados os mesmos termos para designar a mesma coisa quando se está descobrindo uma nova realidade, pois é bem certo que, com o decorrer do tempo, um só deles sobressairá, geralmente o que for mais utilizado pelos estudiosos.

Fontes a partir de 1º de abril de 1869

Listaremos algumas obras após o desencarne de Allan Kardec, nas quais podemos ver algo sobre o nosso tema.

1) **Revista Espírita 1869**, mês de novembro:

Lembramos ao leitor que, a partir do desencarne do Codificador, a *Revista Espírita* passou a ser administrada por seus sucessores. ⁽⁸⁰⁾

Após uma comunicação de um Espírito sofredor, em Marseille, em setembro de 1869, manifestou-se Brunat, um dos guias protetores do grupo. aconselhando-o. De sua mensagem destacamos o seguinte trecho:

“Como vês, **a tua foi a vida de um egoísta**: se não cometeste crimes como o entendes, como muitos outros viveste para a satisfação de tuas paixões. Tu te agarraste à matéria; do teu ventre fizeste um deus... e, de repente, num festim, em meio a um banquete, a morte veio ferir-te. **Em alguns segundos passaste dos prazeres tempestuosos de uma existência egoísta à**

obscuridade profunda em que hoje erras. Esse isolamento e essas trevas, não os mereceste? por que verias agora, tu que deixaste na noite da ignorância os que terias podido esclarecer? por que serias requestado e acolhido, desde que não podes oferecer aos teus amigos da Terra os prazeres que vos reuniam, e já que não acolheste nem requestaste aqueles a quem poderias ter dado um pouco de esperança e de resignação, essas riquezas do coração que os mais pobres podem possuir em abundância? Por que és tão infeliz? Ah! nós o vemos, nós, a quem nada é escondido; o de que lamentas são os prazeres que não podes mais desfrutar, a companhia que partilhava tua vida folgazona, a quem a orgia fazia que esquecesses o sofrimento e o infeliz. ⁽⁸¹⁾

Por ter sido egoísta em vida, resultou em ir para as trevas. Eis a grande lição que serve a todos nós encarnados.

2) **Depois da Morte** (1889) e **No Invisível** (1903):

Nessas obras, em vários momentos, Léon Denis (1846-1927) fala de trevas. Mencionaremos, estes dois:

Outros Espíritos de ordem inferior **se acham mergulhados em uma noite profunda, em um**

completo insulamento no seio das trevas. Sobre eles pesa a incerteza, o terror. Os criminosos são atormentados pela visão terrível e incessante das suas vítimas. ⁽⁸²⁾

Nada é mais impressionante que ouvir, **no curso das sessões de evocação**, a narrativa, a confissão das angústias suportadas pelo Espírito que empregou mal sua vida terrestre: – do egoísta, que só encontra em torno de si a indiferença e o vácuo, – do invejoso, que se vê imerso em uma sorte de noite profunda, pela acumulação de seus maus pensamentos, de seus malévolos propósitos.

Entre inúmeros fatos, citaremos o que se deu em nosso grupo de estudos: **o Espírito de uma antiga vendedora de legumes** de Amiens gostava de nos recordar sua perturbação e ansiedade quando, **após o falecimento, se achou em meio de espessas trevas**, efeito das rixas e maledicência a que frequentemente se entregava. Longa e penosa foi sua expectativa. Afinal, **depois de anos de incerteza, de sombrio insulamento, escutou vozes**: “Ora, Sofia; ora, e arrepende-te”, lhe diziam. Sofia orou; e sua prece fervorosa foi iluminando, como um pálido clarão, a noite fluídica que a envolvia. Segundo suas próprias expressões, “a escuridão se tornava cinzenta”, de um cinzento que se ia cada vez mais atenuando, até que ela readquiriu a relativa liberdade dos Espíritos pouco adiantados. ⁽⁸³⁾

Por tudo que se vê nessas obras, não há

dúvida quanto a crença de Denis na existência das trevas. Certamente é fruto das manifestações dos Espíritos nas reuniões no grupo que frequentava.

3) **Pesquisas sobre Mediunidade** (1898):

Na terceira parte dessa obra, o autor Gabriel Delanne (1857-1926) cita o pesquisador Richard Hodgson (1855-1905), que, em 1882, se tornou membro da Sociedade de Pesquisa Psíquica (SPF), no Reino Unido.

Através da médium Leonora Evelina Simonds Piper (1859-1950), um seu amigo, designado pelo pseudônimo de Georges Pellham, manifestou-se demonstrando alegria por poder falar com os amigos. Destacamos o seguinte trecho do diálogo:

P. – Que faz você, Georges, e onde você está?

R. – Mal sou capaz de fazer qualquer coisa, ainda. Mal estou despertando para a realidade da vida depois da morte. **A princípio, fiquei numa espécie de trevas e não conseguia distinguir nada. Agora, os dias mais sombrios passaram, pode ter certeza**, Jim. Tudo era confuso, enevoado. Logo poderei ocupar-me. Atualmente, posso vê-los, meus amigos, posso ouvir você falar, Jim, distinguir sua voz com seu sotaque, mas ela

ainda soa como um bombo. A minha deve chegar a vocês como um suspiro bem fraco... (84)

Não há base alguma para negar a confissão de Georges Pelham de ter estado “numa espécie de trevas”, porém que “os dias sombrios passaram”, e agora estava feliz.

4) *A Vida Além do Véu* (1921):

Em 15 de outubro de 1913, o Espírito Emma Owen envia uma mensagem através do médium e seu filho rev. George Vale Owen (1869-1931), da qual transcrevemos:

Aquele raio de luz, ou, talvez, melhor dissesse, “raio de poder e de vitalidade”, era tão forte que, se eles não protegessem a mulher, cercanda-a com certa influência negativa, ela teria sido magoada, porque teria recebido um choque forte demais, para o qual não estava preparada.

Outro ponto é este. Aquele raio foi visto ao longe, **na região das trevas**, e pareceu-nos ouvir um murmúrio, que vinha de centenas de milhares de distância, através do vale.

Deparava-se-nos um fato extraordinário, pois **o som era de muitas vozes; umas de raiva e de ódio; outras de desespero; outras, finalmente, pedindo socorro e misericórdia.** E esses

clamores, ao mesmo tempo que pareciam provir de um mesmo lugar, onde se achavam reunidos, ofereciam também a impressão de partir de pontos diferentes. Não era fácil compreender o fenômeno no primeiro momento. [...].

Cada clamor, que era uma prova da existência do bem e do mal, em algumas almas humanas, naquela região, receberia a sua resposta que lhe era devida.

Quando a mulher nos foi entregue, deixamo-la, primeiro, descansar, proporcionando-lhe os meios que sobre ela tivessem influência calmante e restauradora, e depois, quando se tornou mais animada, levamo-la para uma casa onde está sendo tratada devidamente.

Não lhe fizemos nenhuma pergunta. Ela é que tinha a liberdade de nos dirigir as poucas que podia formular. **Foi então que vim a saber que a pobre criatura houvera estado naquela região de trevas, durante mais de vinte anos.** Vim a saber, ainda, alguns tópicos da sua vida terrestre, que não bastam, porém, para dar uma narrativa seguida. ⁽⁸⁵⁾

Em *Nosso Lar*, temos notícia de que André Luiz teria ficado 8 anos no Umbral. Nessa narrativa, temos um espírito de uma mulher que ficou lá mais de vinte anos e que foi ajudado por outros Espíritos.

5) **A Crise da Morte** (1930):

Autoria de Ernesto Bozzano (1862-1943), transcreveremos estas três narrativas de Espíritos que contam suas experiências quando do seu retorno ao mundo espiritual:

1ª) “[...] vi dois Espíritos que me eram desconhecidos e para os quais me senti atraído por um sentimento de afinidade. [...] Chamaram-me pelo meu nome, embora não o houvesse eu pronunciado, e me acolheram com uma familiaridade tão benévola, que me senti agradavelmente reconfortado. Com eles deixei o meio onde desencarnara e onde me conservara até aquele momento. **Pareceu-me nebulosa a paisagem que atravessei; mas dentro dessa meia obscuridade, fui conduzido a um lugar onde vi reunidos numerosos Espíritos**, entre os quais muitos havia que eu conhecera em vida e que tinham morrido havia já algum tempo...”⁽⁸⁶⁾

2ª) Porém, onde vem a encontrar-se o Espírito recém-nascido? Eis a resposta: entrou no estado de existência que lhe era o único possível, dadas suas condições morais, intelectuais, espirituais. **O meio que o recebe é determinado pelo grau de espiritualidade em que ele se acha.** [...] A grande “lei de afinidade” regula o *processus*, que é inexorável. O homem, depois da morte, vai para o meio que para si próprio preparou; não poderia ser de outro modo. **Junta-se aos que se lhe assemelham; gravita para as legiões espirituais entre as quais se achará inteiramente à**

vontade, como em seu próprio meio, como em sua casa. Sua futura morada está no círculo da sua alma; **seus companheiros espirituais são os seres que se lhe assemelham.** Em outros termos: o Espírito desencarnado, por efeito da lei benfazeja e justa da “afinidade”, graças à qual “cada um atrai o seu semelhante”, **gravita para o meio único que se pode adaptar às suas condições de evolução espiritual, de elevação moral, de cultura intelectual, conforme ele próprio as criou pela sua atividade terrestre. Vai para onde tem forçosamente que ir.** ⁽⁸⁷⁾

3ª) Estando eu vivo, um segundo bastou para me dar a morte. Achava-me deitado na falda de uma encosta rochosa. Um bloco se destacou lá do alto e me esmagou a cabeça, tornando-me irreconhecível o semblante. Reconheceram-me unicamente pelos papéis que levava na minha carteira.

Isso foi obra de um instante. **Vi-me, de um golpe, mergulhado nas mais profundas trevas. Procurei, tateando, caminhar através da obscuridade. Nenhuma luz via;** ao redor, mortal silêncio: era uma situação terrificante. Parecia-me, às vezes, divisar ao longe uma claridade e perceber sons musicais. Que significavam eles? Sentia que ia enlouquecer e lutava contra o desconhecido como um homem às voltas com o vácuo. Afinal, **esgotado, caí ao chão, numa crise espantosa e indescritível de depressão moral.** Maldizia de Deus e do gênero humano. Queria morrer e não podia!... [...]. A ideia, porém, de que estava morto jamais me acudiu ao Espírito. ⁽⁸⁸⁾

Nessas três narrativas, vemos, além da “lei de afinidade”, a informação dos Espíritos dando conta de suas experiências, nas quais perceberam regiões de obscuridade ou trevas.

Vejamos este trecho dos comentários de Bozzano a respeito do último caso:

Conforme no-lo ensina o caso acima, que concorda com os outros do mesmo gênero, os sofrimentos expiatórios, que atingiriam os “réprobos”, seriam, principalmente, de natureza moral; consistiriam, primeiramente, em toda sorte de saudades e de desejos insatisfeitos e impossíveis de terem satisfação; depois, em toda sorte de remorsos dilacerantes. Parece igualmente que, quando para um Espírito de “réprobo” começa a crise dos remorsos, tem ele dado o seu primeiro passo no caminho da redenção. Desta crise, longa por vezes e terrível, não poderia, com efeito, quem quer que seja, poupar o Espírito, visto que, somente passando por ela, chega o seu “corpo etéreo” – ao que nos ensinam os Espíritos – a expungir-se dos “fluidos impuros” de que se maculou e carregou, “fluidos impuros” que sobre ele se acumularam, em consequência da repercussão “vibratória” que sobre o seu organismo muito delicado exerceu o seu proceder ignóbil ou indigno, no curso da existência terrestre. E, do mesmo modo que esses “fluidos impuros” haviam fatalmente – **por virtude da lei de**

afinidade – obrigado o Espírito a gravitar para as regiões infernais, também, em consequência da purificação operada pela crise dos remorsos, seu “corpo etéreo”, tornado mais leve, se elevaria e gravitaria, sempre de acordo com a lei de afinidade, para a esfera espiritual imediatamente superior.

Quanto aos Espíritos de “réprobos” endurecidos no mal, incapazes de sentir remorsos, permaneceriam na região infernal, imersos em trevas mais ou menos profundas, às vezes na solidão, muitas vezes em companhia de outros Espíritos da mesma categoria, até que a hora do arrependimento também para eles soe, o que só se dá após séculos, **segundo as revelações**; mas que, afinal, soa para todos, pois que nem os próprios Espíritos de “réprobos” estão abandonados a si mesmos, porém, sim, **assistidos e socorridos por Espíritos-missionários, prepostos a essa obra.**
(⁸⁹)

Há ainda outro caso que merece ser citado. Trata-se do *Undécimo Caso*, onde temos a manifestação do Espírito Dr. Scott, que havia se suicidado, mas não se encontrava nas trevas. Esse fato gerou o seguinte comentário de Bozzano:

Notem ainda que o funcionamento habitual e matemático da grande “lei de afinidade”, graças à

qual cada um tem forçosamente que gravitar para o seu semelhante, levou o Dr. Scott a fazer parte de um grupo de Espíritos “que chegaram ao meio espiritual muito degradados pelo meio terrestre, no qual não tinham podido desenvolver suas possibilidades intelectuais”. Daí, como eles não eram responsáveis por essa falta de evolução, resultou que **o meio para onde gravitou o Dr. Scott não correspondia a um estado espiritual inferior; era, ao contrário, um meio radioso**, como convinha, a fim de encorajar para a ação Espíritos que, sem terem disso a culpa, se conservaram atrasados.

Esta circunstância dá ensejo a que toquemos numa questão, que deve ser esclarecida, no que concerne ao Dr. Scott. **Ele se achava num meio “luminoso”, conquanto se houvesse suicidado, o que estaria em flagrante contradição com as afirmações unânimes das outras personalidades mediúnicas**, segundo as quais em severas sanções incorrem os que se tornam culpados desse ato de pusilanimidade ante as provas que nos reserva o destino e que devemos suportar valorosamente.

O sensitivo, Sra. Dawson Scott, ignorava a existência dessa contradição nas mensagens que obtivera. Pessoas amigas, porém, lha assinalaram. **Ela, então, pediu uma explicação ao defunto**, que respondeu nestes termos:

“Há um outro fator que se deve ter em consideração, é que aqui não somos absolutamente da mesma opinião sobre grande número de questões. Limitei-me a te referir

minhas experiências pessoais; disse que fora acolhido calorosamente no mundo espiritual, onde ninguém me questionou sobre o meu fim; acrescentei que minhas primeiras impressões foram de alegria, por me ter livrado do corpo. Isso não impede que outro Espírito possa considerar as coisas de um ponto de vista diverso; ou, melhor, que outro Espírito, nas minhas condições, possa ter outra sorte. Em suma, expressei minha opinião pessoal e nada mais.” (pág. 107).

Esta resposta longe está de haver esgotado o assunto; entretanto, constitui uma nova ilustração da grande verdade que o Espírito do Dr. Scott procura incessantemente inculcar à mentalidade da sua mulher, isto é: que os Espíritos desencarnados, longe de se mostrarem oniscientes, julgam de acordo com a experiência pessoal de cada um, exatamente como ocorre no mundo dos vivos. **Segue-se que as opiniões que eles emitem devem ser acolhidas com reserva, pois que não representam mais do que opiniões pessoais, ou experiências pessoais** daqueles que podem às vezes saber um pouco mais do que nós no tocante a certas questões; mas, é tudo. ⁽⁹⁰⁾ (itálico do original)

Pelos comentários, percebemos que as pesquisas, levadas a efeito por Bozzano, apontavam para a realidade das trevas, razão pela qual ele procurou explicar por qual motivo o Espírito Dr. Scott

estava numa região “luminosa”. Sobre ele, um pouco antes informava:

[...] voltara da guerra em estado de esgotamento nervoso, agravado pelo fato de haver na sua família uma forma hereditária e deprimente de hipocondria (spleen). Daí resultou que um dia o Dr. Scott se suicidou, ingerindo uma dose de ácido prússico. (91)

Considerando todos os apontamentos de Bozzano, podemos destacar estes três pontos: as trevas em que permanecem os Espíritos endurecidos no mal, a “lei de afinidade” que obriga esses Espíritos a “gravitar nas regiões infernais” e, por fim, e não menos importante, o auxílio e socorro que Espíritos mais moralizados têm como missão voluntária, indistintamente, prestarem a todos os “réprobos”.

6) ***Cartas de uma morta*** (1935):

Maria João de Deus esclarece a respeito do que ela designou de esferas espirituais:

Da esfera em que me encontro percebo perfeitamente que existe uma escada de luz

atravessando os abismos ligando **as esferas** umas às outras. **A região imediatamente vizinha da Terra abriga muitos sofrendores e muitos desesperados.** Aí, frequentemente, descemos para buscar irmãos nossos que suplicam e choram, implorando o socorro e o auxílio de Deus.

Nessa região há organizações perfeitas e inúmeras de muitos espíritos do mal, que, reunindo-se uns aos outros, formam congregações nefastas e terríveis. Nosso combate é contínuo para pôr os encarnados a saldo de suas traições e sevícias. ⁽⁹²⁾

Quanto mais próxima da crosta terrestre for a esfera espiritual, mais “densa a sua atmosfera” e maior a escuridão.

7) ***A Vida nos Mundos Invisíveis*** (1948):

Nessa obra o médium inglês Anthony Borgia (1896-1989) publica várias psicografias do Espírito Mons. Robert Hugh Benson (1871-1914), padre católico, nas quais reportou a vida no mundo espiritual. Na Primeira Parte, no capítulo IX, intitulado “Os domínios sombrios”, lemos:

[...] Em vez disso, Edwin nos forneceu alguns detalhes.

Alguns dos habitantes, disse ele, viviam ali, ou em suas redondezas, ano após ano, – como é contado o tempo na terra. **Eles próprios não tinham noção de tempo, e sua existência era uma interminável continuidade de escuridão, e por sua própria culpa. Muitas almas caridosas tinham entrado naqueles reinos para tentar efetuar uma salvação das sombras.** Algumas tinham sido bem-sucedidas, outras não. O sucesso depende não do salvador, mas do que se procura salvar. Se este não demonstra uma centelha de luz em sua mente, nem desejo de dar um passo à frente na estrada espiritual, então, nada, literalmente nada, se pode fazer!

[...].

Assim como os reinos superiores tinham criado todas aquelas belezas, **os moradores destes planos inferiores tinham edificado as condições atroztes de sua vida espiritual. Não havia luz, nem calor, nem vegetação, nem beleza.** Mas há esperança – esperança de que uma alma possa progredir. Está ao alcance de cada uma, e nada a impede, a não ser ela própria. Poderá levar infindáveis anos para subir espiritualmente uma polegada, mas é um passo na direção certa. ⁽⁹³⁾

Novamente, vemos situações bem semelhantes às narradas em *Nosso Lar*, conferindo um certo foro de autenticidade aos relatos de André Luiz – isso quanto ao aspecto geral, não incluindo,

obviamente, os detalhes peculiares a cada escritor.

Da Segunda Parte, cap. V – Posição Geográfica, transcrevemos:

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. Essas duas palavras passaram a ser correntes entre a maioria daqueles que na terra conhecem e praticam a comunicação com o nosso mundo. Ao falar-vos assim, usei as palavras acima, suficientes para o nosso fim.

A essas esferas foram dados números, por alguns estudantes, e vão **desde o primeiro**, que é o mais baixo, **até o sétimo**, que é o mais alto. É costume entre nós seguir este sistema de numeração. A ideia, segundo me disseram, teve origem aqui entre nós, e é um método conveniente de dar informações de nossa posição na escada da evolução espiritual.

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da terra. Esses círculos alcançam o espaço infinito e estão invisivelmente ligados com o mundo terrestre na sua evolução menor sobre seu eixo, e é claro, em maior revolução à volta do Sol. O Sol não tem qualquer influência sobre o mundo espiritual. Não tomamos conhecimento dele, visto que é puramente material.

Um exemplo de círculos concêntricos nos é dado quando nos dizem que um visitante de uma

esfera mais elevada vai descer a nós. Ele está relativamente acima de nós, tanto espiritual como espacialmente.

Os reinos inferiores da escuridão estão situados perto da terra, e penetram na sua parte mais baixa. Foi através desta que passei com Edwin quando ele me veio buscar **para o meu lar espiritual**, e foi por essa razão que me recomendou mantivesse os olhos fechados até que me ordenasse abri-los. Eu estava suficientemente alerta – até mesmo demais, porque estava plenamente consciente – ou teria visto algo dos horrores que a terra lançou a **essas zonas escuras.** ⁽⁹⁴⁾

Interessante é que aqui são mencionadas esferas exatamente como ocorreu na obra anteriormente citada. E as zonas mais escuras são as que se encontram mais perto da Terra

8) ***Nas Fronteiras da Loucura*** (1982):

Ditada pelo espírito Manoel P. de Miranda, pela mediunidade de Divaldo Franco. No cap. 19 – Convite ao otimismo, no primeiro parágrafo lemos:

Logo depois que eu retornara à vida espiritual, percebi haver, **em torno da Terra, faixas vibratórias concêntricas, que a envolviam,**

deste as mais condensadas, próximas da área física, **até as mais sutis**, distanciadas do movimento humano na Crosta. ⁽⁹⁵⁾

Interessante é que, ao falar em faixas vibratórias concêntricas, o autor espiritual difere apenas de Maria João de Deus, que usou o termo esferas, em vez de faixas.

9) **No Limiar do Infinito** (1978):

Psicografado pelo médium Divaldo Franco, no qual a autora Joanna de Ângelis, no capítulo 13 – Regiões de Benção e Dor, entre várias outras coisas, explica-nos o seguinte:

É certo que se multiplicam, no além-túmulo, as regiões de dor e sombra, os abismos de sofrimento e de amargura onde não brilham as luzes da alegria, em que se reboacam os ultrajantes, os exploradores, os asseclas do mal, os impiedosos e calcetas, os dilapidadores da felicidade e da esperança alheias, os viciosos e toda a farta mole de acumpliciados com a desdita e o mal. Fizeram-se infelizes por prazer e **vincularam-se entre si de acordo com as inclinações e motivações pessoais, aglutinando-se em colônias** onde se auto-supliciam e se permitem absurda justiça, porque

inúmeros se consideram destacados pela Lei Universal para a aplicação do látigo e a corrigenda dos abusos, excedendo-se, eles próprios, e caindo em mais fundos precipícios de desar e alucinação, até quando lhes chega o momento da reparação que não tarda indefinidamente.

Ninguém, o mais terrível e hediondo verdugo, se encontra à margem da misericórdia celeste que a todos nós alcança e soergue para a vida, para o amor e para a perfeição, após o indispensável expurgo das construções infelizes a que se imanta... ⁽⁹⁶⁾

Apesar da forma bem erudita da autora espiritual, vê-se que ela fala de regiões de trevas, onde a dor e sofrimento é lugar-comum aos que, por afinidade, aí se aglomeram, ou seja, se “vincularam entre si de acordo com as inclinações e motivações pessoais”.

10) **O Outro Lado da Vida** (1999):

A médium vidente Sylvia Browne é a autora, cuja particularidade foi a de se utilizar do termo umbral, já bastante comum no meio espírita:

A importância disso me foi revelada numa experiência que tive enquanto escrevia este livro.

Não sou adepta da projeção astral. Não costumo deixar meu espírito viajar por aí sem o meu corpo, mas uma noite, **através da projeção astral, cheguei ao que minha Guia Espiritual me explicou mais tarde ser o Umbral.**

Eu estava cercada por pessoas que tinham morrido. Elas não me disseram uma palavra, mas eu podia perceber seu profundo desespero. O ar pesava com a tristeza, e as pessoas, cuja idade variava do início da adolescência até a velhice, arrastavam os pés ao andar e mantinham os olhos baixos, de forma que até a linguagem corporal transmitia a falta de esperança.

Além da área em que nos encontrávamos, **vi uma enorme escuridão que sinceramente me aterrorizou, fazendo com que eu quisesse me afastar dela.** Foi aí que percebi que tinha entrado pela porta da esquerda do Outro Lado e que **aquela escuridão estava cheia de entidades negras** prestes a retornar para a Terra num útero.

Também percebi que as pessoas com quem eu estava ainda **tinham o livre-arbítrio para escolher. Elas podiam seguir para a escuridão ou passar pela porta da direita para a luz de Deus do Outro Lado. Elas não estavam presas naquele Umbral, estavam esperando até fazer a escolha.**

[...].

No dia seguinte **exigi que Francine, minha Guia Espiritual, me explicasse por que nunca tinha me contado sobre o Umbral.** Ela disse o mesmo que afirma nessas situações: “Se você não

fizer a pergunta, não vou lhe dar a resposta.” Odeio quando ela faz isso.

Mas Francine também me contou que eu tinha conseguido tocar dois espíritos entre os milhares que se encontravam ali. **Dois deles tinham deixado o Umbral** e atravessado, a porta da direita para a luz do Outro Lado depois que eu fui embora.

Desde aquela noite incluí aqueles **espíritos tristes e perdidos do Umbral** nas minhas preces. Espero que você faça o mesmo. Se eles não conseguem reunir a fé necessária para chegar em segurança ao Outro Lado, o mínimo que nós, entidades brancas, podemos fazer é ajudá-los com a nossa fé.

Suicídio

Mesmo que nenhum daqueles espíritos tivesse falado comigo, **eu “sabia” por que alguns deles estavam no Umbral**, e Francine confirmou a razão. Por isso, quero esclarecer alguns fatos sobre a confusa e trágica questão de dar fim à própria vida.

Eu aprendi na infância que “as pessoas que cometem suicídio vão para o inferno”. Ponto final. Caso encerrado.

[...].

Os suicidas movidos pela desesperança e pela angústia extrema, agora eu sei, vão para o Umbral. De fato, as pessoas que tiveram uma experiência de quase morte durante uma tentativa fracassada de suicídio por desespero descrevem

que se viram, em um lugar de tristeza avassaladora, não em uma completa escuridão, mas como se estivessem “fora da luz”. **Estavam cercadas pelo silêncio, ou então receberam o deboche e o escárnio de outros espíritos ao redor delas, sem encontrar compaixão em lugar algum. Este é certamente o Umbral.** Mas isso significa que elas ainda podem escolher juntar-se às entidades negras na escuridão ou seguir rumo ao amor incondicional de Deus através da porta da direita do Outro lado. Mas uma vez, nossas orações podem ajudá-las muito. ⁽⁹⁷⁾

A escritora Sylvia Browne é de formação católica-judaica-luterana-episcopal, nascida em Kansas City, Missouri, EUA, mas que vem corroborar a existência do umbral.

O leitor mais atento perceberá que nas obras listadas há também fonte fora do meio espírita – isso é de suma importância para se demonstrar que certas ideias surgem de todos os lados.

Das pesquisas de regressão de memória e dos relatos de EQMs

Em **As Vidas Sucessivas** (1911), o pesquisador Albert de Rochas (1837-1914) apresenta dezenove casos de regressão, dos quais tomaremos apenas trechos de quadro dele que citam algo relacionado ao nosso tema:

a) Caso nº 2 – Joséphine, 1904.

Ela não queria dizer nem quem era, nem onde estava. Respondia-me, em tom brusco e com voz de homem, que estava lá, uma vez que falava; porém, ela não via nada, **encontrava-se na completa escuridão.** ⁽⁹⁸⁾

Morre. Sente-se sair de seu corpo, mas a ele continua preso durante um tempo bastante longo. Pôde seguir seu enterro flutuando acima do caixão. [...] No cemitério, ficou perto de seu corpo e sentiu-o decompor-se, o que o fazia muito sofrer.

Seu corpo fluídico, que se tornou difuso depois da morte, retomou forma mais compacta. **Ele vive na obscuridade, que lhe é penosa, mas não sofre, porque não matou nem roubou.** Apenas sente sede algumas vezes, porque era bastante beberrão. [...].

As trevas nas quais estava mergulhado terminaram por ser abertas por algumas luzes frouxas. Ele teve a inspiração de reencarnar num corpo de mulher, porque as mulheres sofrem mais do que os homens e ele tinha de expiar as faltas que havia cometido abusando das moças. [...]. ⁽⁹⁹⁾

Antes de sua encarnação, Philomène havia sido uma menina, morta em tenra idade. Anteriormente havia sido um homem que tinha matado e roubado, um verdadeiro bandido. **É por isso que muito sofreu na completa escuridão a fim de expiar seus crimes**, mesmo depois de sua vida de menina, quando não teve tempo para fazer o mal. ⁽¹⁰⁰⁾

Ocorreu regressão a várias vidas. Essa é a razão de aparecer algo relacionado à escuridão nas três transcrições.

b) Caso nº 3 - Eugénie, 1904.

Na sessão precedente, deixamos Eugénie na fase de bebê sendo amamentada por sua mãe. Aprofundando bastante seu sono, determinei uma mudança de personalidade. Ela não estava mais viva, **flutuava numa semi-obscuridade**, não tendo nem pensamento, nem necessidades, nem comunicação com ninguém. ⁽¹⁰¹⁾

c) Caso nº 5 – Louise, 1904-1908-1910.

[...] Ela foi um padre, falecido muito velho, um bom padre simplesmente, agarrado a seus deveres sacerdotais. **Morre e permanece na penumbra, durante longo tempo**, até aperceber-se bem de seu estado, que no princípio não compreendia, pois acreditava encontrar o paraíso ou o purgatório e não via nada. Louise toma então a cabeça entre as mãos e põe-se a soluçar; as lágrimas rolam de seus olhos. ⁽¹⁰²⁾

d) Caso nº 6 – Srta. Mayo, 1904.

Faço-a rapidamente retornar ao passado por meio de passes longitudinais e, quando a interrogo, ela é Line; tem quinze anos, não está ainda casada, vive com a mãe, nunca viu seu pai e não sabe seu sobrenome.

Mais longe ainda no passado.

Encontra-se na completa escuridão. Sofre e não pode explicar o tipo de sofrimento; não é um sofrimento físico, é como um remorso. Recorda-se muito bem de ter sido Charles Mauville e não hesita em lembrar-se do nome de batismo e do sobrenome.

Mauville morreu aos cinquenta anos, de um resfriado. ⁽¹⁰³⁾

Da obra **Os Mortos nos Falam** (1991), de

autoria do Padre François Brune, do capítulo VII – O exílio nos mundos da infelicidade, transcrevemos do tópico “Nas trevas exteriores”:

[...] no além, nos numerosos países do além-morte, cada nível de existência é a resultante desta interação, segundo os diferentes níveis atingidos pelas consciências daqueles que se reúnem, seja por afinidade, seja por proximidade espiritual. As projeções de uns e de outros encontram-se, então, e dão origem à emergência de um novo mundo comum, próprio a este grupo.

Cada um destes mundos, **cada uma destas numerosas “moradas” será mais ou menos transfigurado pela Luz, segundo o nível espiritual de cada uma destas consciências coletivas.**

Mas há, inicialmente, o nível daqueles que sequer veem a luz. Perdendo-a, parecem perder contato, também, com os outros homens. Quem se afasta de Deus afasta-se de seus irmãos. (Como sempre, trata-se, aqui, de afastamento voluntário).

De acordo com esta lei natural (segundo a qual cada um cria, por projeção, seu próprio ambiente), quem não crê em nada, quem só crê no nada, encontra-se no nada. Nesta terra, estes infelizes gozariam, sem saber, do nível de consciência coletiva. **Entregues a si mesmos, deixados no nível espiritual que lhes é próprio, encontram-se na escuridão e na solidão.** O pior é que, neste

momento, são até mesmo incapazes de perceber a presença de mortos que os amaram e que vêm ajudá-los. [...]. ⁽¹⁰⁴⁾

Temos, portanto, um padre católico dizendo quase a mesma coisa que lemos em variadas obras espíritas.

Dra. Helen Wambach (1925-1985) foi uma psicóloga norte-americana pesquisadora de regressão de memória. Em **Recordando Vidas Passadas** (1978) apresentou pesquisa de regressão feita em 1088 indivíduos, apresentando dados estatísticos bem interessantes. Desse livro destacamos a seguinte informação:

Cerca de 25% descreveram um breve período de escuridão seguido de luz. Um número maior, cerca de dois terços, alçou-se bem acima dos respectivos corpos e penetrou num mundo inundado de luz, onde foi saudado por terceiros e teve uma sensação imediata de companheirismo. [...]. ⁽¹⁰⁵⁾

Índice percentual muito significativo, comprovando, a nosso ver, a existência das “trevas”.

Em ***Uma Prova do Céu*** (2013), o autor norte-americano Dr. Eben Alexander III relata a sua Experiência de quase morte ocorrida em novembro de 2008. Foi vitimado de uma meningite, ficando em coma por sete dias. Do capítulo 5, intitulado “Mundo subterrâneo”, transcrevemos o seguinte trecho:

Escuridão, mas uma escuridão visível – como estar submerso na lama, mas ainda assim poder ver através dela. **Gelatina escura talvez seja a melhor descrição: transparente, mas turva, embaçada, claustrofóbica e sufocante.**

[...].

Eu não tinha um corpo – nenhum de que me lembrasse de alguma maneira. **Eu apenas estava... lá, naquele lugar de escuridão massacrante e pulsante.** Na ocasião, eu podia ser chamado de “ser primordial”. Mas na hora em que tudo estava acontecendo, não conhecia essa expressão. Na verdade, eu não conhecia palavra alguma. [...].

[...].

[...] cheguei a um ponto em que a sensação rastejante suplantou a sensação de familiaridade. Quanto mais me sentia com um eu – **como alguma coisa separada do ambiente frio, úmido e escuro à minha volta –, mais os rostos que borbulhavam na massa pegajosa se tornavam feios e ameaçadores.** As batidas ritmadas do

ferreiro também ficaram mais intensas: pareciam britadeiras de trabalhadores subterrâneos, tipo ogros, executando uma tarefa interminável e massacrantemente monótona. O movimento à minha volta se tornou menos visual e mais palpável, como se **criaturas parecidas com vermes e répteis estivessem passando em bandos** e de vez em quando esfregassem suas peles macias ou espinhosas em mim.

Foi então que **tomei consciência de um odor: era uma mistura de cheiro de fezes, sangue e vômito**. Em outras palavras, um cheiro biológico, porém de morte, não de vida. À medida que minha consciência se aguçava, eu me aproximava mais do pânico. Eu não pertencia àquele lugar. Precisava escapar. ⁽¹⁰⁶⁾

O que Dr. Eben Alexander descreve se assemelha com algumas narrativas que se vê nas obras da série André Luiz, especialmente em *Nosso Lar*.

Diante do que Alexander III descreve, só podemos concordar com Auguste Bez, quando disse: “[...] para mim, a afirmação daquele que viu vale a negação daquele que não viu, [...].” ⁽¹⁰⁷⁾

O que se vê na série “André Luiz”

No movimento espírita brasileiro temos visto vários companheiros atacando, sistematicamente, o teor das obras que compõem a série “André Luiz”. A nosso ver, esquecem-se de que “Nunca se deve jogar a água da bacia fora, com a criança dentro”.

Na obra **Nosso Lar**, o primeiro livro da série, no capítulo 12, há explicação do que seja o Umbral. Acompanhemos este diálogo do instrutor Lísias e André Luiz:

1º § [...] As referências a espíritos do Umbral mordiam-me a curiosidade. A ausência de preparação religiosa, no mundo, dá motivo a dolorosas perturbações. Que seria o Umbral? Conhecia, apenas, a ideia do inferno e do purgatório, através dos sermões ouvidos nas cerimônias católico-romanas a que assistira, obedecendo a preceitos protocolares. Desse Umbral, porém, nunca tivera notícias.

2º § Ao primeiro encontro com o generoso visitante, minhas perguntas não se fizeram esperar. Lísias ouviu-me, atencioso, e replicou:

3º § – Ora, ora, pois você andou detido por lá

tanto tempo e não conhece a região?

4º § Recordei os sofrimentos passados, experimentando arrepios de horror.

5º § – **O Umbral** – continuou ele, solícito – **começa na crosta terrestre. É a zona obscura** de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...].

7º § – [...] **O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais** uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

10º § – O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. **Concentra-se, aí, tudo o que não tem finalidade para a vida superior.** E note você que a Providência Divina agiu sabiamente, permitindo se criasse tal departamento em torno do planeta. **Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes,** que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, **separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá**

vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais. Muita gente da Terra não recorda que se desespera quando o carteiro não vem, quando o comboio não aparece? Pois o Umbral está repleto de desesperados. [...] esses núcleos possuem infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdugos e vítimas, de exploradores e explorados.

15º § – Creio, então – observei –, que **essa esfera se mistura quase com a esfera dos homens.**

16º § – Sim – confirmou o dedicado amigo –, e é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. O plano está repleto de desencarnados e de formas-pensamento dos encarnados, porque, **em verdade, todo espírito, esteja onde estiver, é um núcleo irradiante de forças que criam, transformam ou destroem, exteriorizadas em vibrações que a ciência terrestre presentemente não pode compreender.** Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um. Toda alma é um ímã poderoso. Há uma extensa humanidade invisível, que se segue à humanidade visível. **As missões mais laboriosas do Ministério do Auxílio são constituídas por abnegados servidores, no Umbral,** porque se a tarefa dos bombeiros nas grandes cidades terrenas é difícil, pelas labaredas

e ondas de fumo que os defrontam, os missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos, sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores. É necessário muita coragem e muita renúncia para ajudar a quem nada compreende do auxílio que se lhe oferece. ⁽¹⁰⁸⁾

Inserimos a numeração dos parágrafos para facilitar a localização na obra. Destaque ao auxílio que “abnegados servidores” prestam aos que “habitam o umbral”, fato que já vimos nas obras aqui mencionadas.

De **Ação e Reação**, décimo livro da série, destacamos estes dois trechos:

[André Luiz] – Sabíamos que a morte do corpo denso era sempre o primeiro passo para a colheita da vida e, por isso, não ignorávamos que o ambiente era dos mais favoráveis à nossa investigação construtiva, porque **o imenso Umbral, à saída do campo terrestre, vive repleto de homens e mulheres que vararam a grande fronteira, em plena conexão com a experiência carnal.** ⁽¹⁰⁹⁾

[Instrutor Druso] – [...] Daí o motivo por que instituições qual a nossa funcionam, em vários

campos das regiões inferiores, que, na velha teologia, equivalem a regiões infernais... O que, porém, existe, de fato, é o imenso **Umbral**, situado entre a Terra e o Céu, **dolorosa região de sombras, erguida e cultivada pela mente humana**, em geral rebelde e ociosa, desvairada e enfermeira. [...]. ⁽¹¹⁰⁾

A relação do umbral com “região de sombras” é o destaque das transcrições acima.

Quanto às obras de André Luiz, é importante trazermos a opinião do jornalista José Herculano Pires (1914-1979), a quem Emmanuel designou de “O melhor metro que mediu Kardec”.

Em nosso livro **As Colônias Espirituais e a Codificação** ⁽¹¹¹⁾,

citamos duas de suas obras e uma entrevista ⁽¹¹²⁾ em que Herculano Pires

fala enfaticamente da existência delas, coisa que, segundo ele, não deveria causar estranheza aos estudiosos do Espiritismo.

Mencionaremos somente a sua fala em **O Mistério do Bem e do Mal**, capítulo 26, intitulado “Descrições da vida espiritual nas zonas inferiores do



espaço”, que, em epígrafe, ele afirma “Regiões em que os espíritos continuam apegados às formas da vida material – ‘Ação e Reação’, de André Luiz, uma contribuição dos espíritos para as comemorações do centenário.”:

Como se vê, **“Ação e Reação”**, novo livro de André Luiz, que a Federação Espírita Brasileira acaba de publicar, é uma contribuição espiritual para as comemorações do centenário. E que excelente contribuição! O título é suficiente para indicar o conteúdo. André Luiz faz uma ampla exposição do problema de ação e reação, **através de exemplos colhidos diretamente nas zonas sombrias em que vivem os espíritos sofredores.**

Os livros de André Luiz, que já constituem volumosa coleção, valem por um verdadeiro trabalho de ilustração dos princípios espíritas, por meio de relatos de episódios vividos nos planos espirituais. Em **Nosso Lar**, primeiro volume da série, temos a descrição pormenorizada de uma cidade espiritual, destinada à preparação das criaturas para a espiritualidade superior. Em **Os Mensageiros**, a descrição dantesca das zonas de sofrimento, regiões purgatoriais ou infernais – como queiram –, em que se arrastam as almas dos que não souberam compreender as oportunidades da encarnação terrena. Mensageiros são os Espíritos superiores, que descem às zonas sombrias ou à

própria face da terra para trazerem socorro às criaturas entregues ao desespero, à angústia, ao remorso e a todas as formas de sofrimento espiritual.

Em “Ação e Reação” os fatos se passam, também, numa zona espiritual densamente carregada de influências materiais. Em meio a uma região aparentemente abandonada, em que as “almas brutas e bravas”, a que se refere Dante, rugem, choram, esbravejam e gemem, perdidas nas sombras e resgatadas pela ventania de suas próprias iniquidades, ergue-se um conjunto arquitetônico que oferece asilo, conforto e cura aos que se puseram em condições de ser socorridos, ou seja, aos Espíritos que começaram a se arrepender de seus erros.

[...].

Para os que não conhecem os princípios da Doutrina Espírita e não estão familiarizados com descrições das zonas espirituais mais próximas da crosta terrestre, tudo isso pode parecer ilusório, imaginário, pouco provável. **Mas os que sabem que os Espíritos não são mais do que homens desencarnados e que, como os homens terrenos, vivem a sua vida, executam os seus trabalhos e realizam as suas construções, compreendem bem as descrições de André Luiz.**

Há quem não admita a existência de coisas tão concretas no plano espiritual. André Luiz se refere, porém, às zonas inferiores, aquelas em que os Espíritos, ainda demasiado apegados às formas da

vida material, não conseguiram “libertar-se em espírito”. **É edificante ver, em “Ação e Reação”, como os Espíritos Superiores trabalham nessas regiões, prestando sua assistência caridosa aos irmãos que se transviaram nas sendas egoístas da vida terrena.** ⁽¹¹³⁾

Herculano Pires, indiscutivelmente, profundo conhecedor das obras de Allan Kardec, sanciona as obras de André Luiz, que, como todos nós sabemos, contêm variadas informações sobre a vida dos Espíritos, no mundo espiritual; inclusive, a obra *Ação e Reação*, motivo de seu artigo, fala do Umbral, conforme vimos.

Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013), em ***Reencarnação e Imortalidade***, no cap. 4 – Universalidade da realidade Espiritual, faz comentários sobre a obra *Telephone Between Worlds* (Telefone entre mundos), escrito pelo jornalista James Crenshaw, no qual trata a mediunidade do norte-americano Richard Zenor (1911-1978).

A certa altura, Hermínio de Miranda diz algo em apoio às obras de André Luiz:

Nos “planos” espirituais imediatamente ligados à Terra, as condições são ainda mais próximas e há aspectos mecânicos e materiais que no Brasil se tornaram conhecidos e familiares por meio dos livros de André Luiz.

“Há regiões purgatoriais, densamente habitadas por indivíduos ainda obcecados pelas suas preocupações terrenas e que recriam réplicas dos seus próprios estados mentais e vivem e sofrem nesses estados. Os frustrados, os arrependidos, os que vivem com fobias, os que se preocupam demais, os odientos, os que buscam vingança e os desiludidos, todos esses constroem seus próprios mundos à parte... Por exemplo, o assassino esmagado pelo remorso cria sua própria punição, aprisionando-se em suas formas-pensamento, que podem ser uma constante reapresentação do seu crime ou uma completa e vívida exibição de quadros mentais de seus piores temores de punição adequada. [...]”

(¹¹⁴)

Hermínio de Miranda, portanto, ao comparar informações de André Luiz com as obtidas através do médium Richard Zenor, vê perfeita semelhança no que trazem os autores.

Observação é que isso consta de um capítulo que tem o título “Universalidade da realidade espiritual”. Certamente que isso não foi sem

propósito. O segundo parágrafo da transcrição é da obra do médium Zenor.

Em **Testemunhos de Chico Xavier**, Suely Caldas Schubert, escritora e expositora, também fala algo sobre as críticas às obras de André Luiz:

A obra deste autor espiritual veio balançar cediças estruturas, destruir as ilusões dos que se apegavam às supostas delícias de um paraíso sonolento e tedioso, ou à eternidade de um inferno dantesco, do qual afinal de contas ninguém se julga merecedor.

André Luiz mexe com essas bases arcaicas. Não o inferno, mas regiões trevosas das quais não é lá tão fácil passar-se ao largo. **São Zonas onde estagiam temporariamente as almas que com elas se afinizam**, até que mudando o próprio tônus vibratório ascendam a outros locais da espiritualidade, que bem pouco diferem de certas universidades e hospitais terrestres.

Saber das minúcias dessas regiões e, sobretudo, que os espíritas não têm lugar “comprado” nos céus ou zonas superiores não agradou a alguns.

Allan Kardec não trata dessas minúcias da vida espiritual na Codificação – não houve tempo e nem seria o momento certo. Os Espíritos são errantes: vivem na erraticidade, eis o ponto essencial dos ensinamentos sobre o

assunto. Mas toda a sólida base para as futuras notícias sobre a vida espiritual foi assentada pelos Espíritos Superiores e pelo próprio desdobramento de Kardec em seus comentários em “A Gênese”, principalmente. ⁽¹¹⁵⁾

Sim, é fato que Allan Kardec não teve tempo para tratar de minúcias da vida no plano espiritual. Portanto, apegar-se demais ao que ele não disse para dizer que não existe, é, julgamos, faltar com a lógica.

Por outro lado, também não devemos achar que a descrição e o detalhamento do Umbral que encontramos nas obras da série André Luiz representam a realidade, pois, nesse particular, devemos utilizar do Controle Universal do Ensino dos Espíritos conforme orientou Allan Kardec.

Conclusão

De nossa parte não restou dúvida alguma de que, na Codificação, podemos, sim, encontrar suporte doutrinário para defender a tese do Umbral, embora certos detalhes de sua descrição até possam ser questionados. Mas, no geral, é nítida a correlação do Umbral com “as trevas”, termo inúmeras vezes citado nas obras kardecianas.

Aliás, essa ideia não causou nenhuma estranheza a Herculano Pires que, em **Mediunidade (Vida e Comunicação)**, tece a seguinte consideração:

[...] **As experiências da prática espírita revelaram** a situação desesperada em que se encontravam, na ressurreição imediata, não da carne, mas do espírito dos mortos, os que haviam tripudiado sobre os ensinamentos do Mestre. **Kardec, em O Céu e o Inferno, provava** a possibilidade de saber-se, neste mundo, o que se passa no outro. **Os quadros das aflições umbralinas, dos espíritos que não conseguiram ir além dos umbrais da Terra, permanecendo nas regiões inferiores do mundo espiritual eram realmente**

infernais, embora não tanto como na imaginação dos teólogos, torturadores criadores de demônios. Os que haviam, por seus méritos, alcançado os planos superiores, não viviam entre anjos em revoadas, mas gozavam de situação realmente feliz. [...]. ⁽¹¹⁶⁾

Pelo que conseguimos levantar nessa pesquisa, que foi muito além da superfície, como muitas vezes acontece por aí, só podemos concordar com Herculano Pires.

Estes dois textos nos chamou à atenção:

Nosso Lar, cap. 12, 7º §
⁽¹¹⁷⁾

O **Umbral** funciona, portanto, como **região destinada a esgotamento de resíduos mentais** uma espécie de **zona purgatorial**, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.

O Céu e o Inferno, 2ª parte, cap. II, Jean Reynaud ⁽¹¹⁸⁾

Compreendi a **erraticidade**, este laço intermediário entre as encarnações, **esse purgatório** onde **o Espírito culpado se despoja de suas vestes manchadas para se revestir uma roupa nova**, onde o Espírito em progresso tece com cuidado a roupa que carregar de novo e que quer conservar pura. Compreendi, eu vos disse, e sem professar continuei a praticar.

A nosso sentir, o que ambos dizem são pontos bem semelhantes, bem difícil de negar.

Na **Revista Espírita 1859**, Allan Kardec, muito judiciosamente disse:

[...] **O erro de certos autores é o de escrever sobre um assunto antes de tê-lo aprofundado suficientemente**, e, por aí, dar lugar a uma crítica fundada. Lamentam-se do julgamento temerário de seus antagonistas: não prestam atenção ao fato de que, eles mesmos, frequentemente, mostram o ponto fraco. [...]. ⁽¹¹⁹⁾

Nossa dedicação ao estudo mais aprofundado é necessário antes de nos lançarmos a dar opinião sobre algum ponto doutrinário.

Por outro lado, não podemos agir com viés dogmático, a ponto de pensar que Allan Kardec deveria ter especificado ou detalhado mais. Isso pode até valer para uma situação ou outra, mas julgamos que, diante do enorme trabalho que o Codificador teve para desenvolver e explicar as principais bases da Doutrina, não lhe sobrou tempo suficiente para entrar nas particularidades de inúmeras coisas dali emanadas.

Referências bibliográficas

- Bíblia de Jerusalém*, 3ª impressão. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.
- ALEXANDER, E. *Uma Prova do Céu*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.
- BEZ, A. *Os milagres dos nossos dias*. São Paulo: Madras, 2003.
- BORGIA, A. *A Vida nos Mundos Invisíveis*. São Paulo: Pensamento, 1991.
- BOZZANO, R. *A Crise da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- BROWNE, S. *O Outro Lado da Vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- BRUNE, F. *Os Mortos nos Falam*. Sobradinho, DF: Edicel, 1991.
- CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CUNHA, H. *Cidade no Além*. Araras (SP): IDE, 1989.
- DE ROCHAS, A. *As Vidas Sucessivas*. Bragança Paulista (SP): Lachâtre, 2002.
- DELANNE, G. *Pesquisas Sobre Mediunidade*. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2010.
- DENIS, L. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FRANCO, D. P. *Nas Fronteiras da Loucura*. Salvador: Leal,

1991.

FRANCO, D. P. *No Limiar do Infinito*. Salvador: LEAL, 2001.

KARDEC, A. *A Gênese*. São Paulo: FEAL, 2018.

KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1858*. Araras (SP): IDE, 2001.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*, Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1864*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1865*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1867*. Araras (SP): IDE, 1999.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1868*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1869*. (pdf) Brasília: FEB, 2009.

MIRANDA, H. C. *Reencarnação e Imortalidade*. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

OWEN, G. V. *A Vida Além do Véu*. Rio de Janeiro: FEB, 1983.

PIRES, J. H. *Mediunidade (Vida e Comunicação)*. São Paulo: EDICEL, 1987.

PIRES, J. H. *O Mistério do Bem e do Mal*. S. Bernardo do Campo, SP: Correio Fraternal, 1992.

SCHUBERT, S. C. *Testemunhos de Chico Xavier*. Rio de Janeiro: FEB, 1998.

XAVIER, F. C. *Ação e Reação*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

XAVIER, F. C. *Cartas de Uma Morta*. São Paulo: Lake, 1981.

XAVIER, F. C. *Cartas e Crônicas*. Rio de Janeiro: FEB, 1988.

XAVIER, F. C. *Nosso Lar*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.

VESME, C. B. *Visões Espíritas na Terra e no Ar*. Rio de Janeiro: Editora Eco, 1976.

WAMBACH, H. *Recordando Vidas Passadas*. São Paulo: Pensamento, 1997.

Internet:

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em:

<https://www.britannica.com/biography/Johann-Kaspar-Lavater>. Acesso em 28 dez. 2019.

SILVA NETO SOBRINHO, P. S. *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível em:

<https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>. Acesso em: 07 ago. 2021.

OLIVEIRA, S. F. *O que é Umbral*, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xf8OE-fdmKM>. Acesso em: 02 nov. 2020.

WIKIPEDIA, *Index Librorum Prohibitorum*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Index_Librorum_Prohibitorum. Acesso em: 10 mai. 2020.

Imagens:

Esferas espirituais: https://docplayer.com.br/docs-images/45/18727979/images/page_6.jpg. Acesso em: 28 dez. 2019.

Trevas exteriores: <http://www.blogdosincora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/umbral1.png>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Capa adaptada por Ana Luísa Barroso da Silva Neto: <https://tvmundomaior.com.br/wp-content/uploads/2020/12/umbral.jpg>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site www.paulosnetos.net e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; e 6) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. I*;

b) digitais: 1) *Espiritismo e Aborto*; 2) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. II*, 3) *Kardec & Chico: 2 missionários. Vol. III*; 4) *Racismo em Kardec?*; 5) *Espírito de Verdade, quem seria ele?*; 6) *A Reencarnação tá na Bíblia*; 7) *Manifestações de Espírito de pessoa viva (em que condições elas acontecem)*; 8) *Homossexualidade, Kardec já falava sobre isso*; 9) *Chico Xavier*,

verdadeiramente uma alma feminina; 10) Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam seus autores?; 11) Apocalipse: autoria, advento e a identificação da besta; 12) Francisco de Assis e Chico Xavier seriam o mesmo Espírito?; 13) A mulher na Bíblia; 14) Todos nós somos médiuns?; 15) Os seres do invisível e as provas ainda recusadas pelos cientistas; 16) O Perispírito e as polêmicas a seu respeito; 17) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 18) O fim dos tempos está próximo?; 19) Obsessão, processo de cura de casos graves; 20) Umbral, há base doutrinária para sustentá-lo?; 21) A aura e os chakras no Espiritismo; 22) Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a revelação da revelação?; 23 - Espiritismo: Religião sem dúvida; e 24) Allan Kardec e suas reencarnações.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 VESME, *Visões Espíritas na Terra e no Ar*, p. 33.
- 2 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 14-15.
- 3 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 40.
- 4 Isto é, os judeus, herdeiros naturais das promessas. Aqueles dentre eles que não creram no Cristo verão os gentios tomarem seus lugares. (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1852)
- 5 Vimos que em algumas traduções temos “fornalha de fogo” e “fornalha acessa”. Em *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, autoria de R. N. Champlin (1933-2018), temos a seguinte explicação: “fornalha acessa”: Notamos, na história do mundo, que diversas nações têm usado a punição da fornalha. Os trechos de Dan. 3:6 e Jer. 29:22 mostram que a fornalha era usada pelos caldeus. Antíoco Epifânio usou essas fornaldas contra os judeus, ao tempo dos Macabeus (II Mac. 7). Em tempos mais recentes, notamos que na Pérsia também eram usadas essas fornaldas, e quem pode esquecer-se que, há poucos anos, na Alemanha de Hitler, utilizaram-se de fornos para destruir literalmente a milhões de judeus? Essa prática desumana tronou-se símbolo do juízo final, e entre os judeus o termo era usado comumente desta maneira. Não é abordada aqui a questão de graus de julgamento. Jesus apresenta este ensino tão somente para ilustrar o julgamento, utilizando-se de termos conhecidos que podiam ser compreendidos por qualquer ouvinte. (p. 410)
- 6 Palavra obscura que se deve tomar, sem dúvida, em sentido metafórico: “Separar-se-á dele” por uma espécie de excomunhão (cf. 18,17). (*Bíblia de Jerusalém*, p. 1886)
- 7 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 8 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a Codificação*, disponível para venda em: <https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>
- 9 KARDEC, *Revista Espírita 1866*, p. 223.
- 10 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 370.
- 11 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 377.

- 12 KARDEC, *A Gênese*, cap. I, item 52, p. 66.
- 13 KARDEC, *A Gênese*, cap. I, item 55, p. 71.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 85-86.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 442-443.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 443.
- 17 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. V, item 8, p. 66.
- 18 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. VII, tópico “Código penal da vida futura, q. 5, p. 89.
- 19 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-70.
- 20 CUNHA, *Cidade no Além*, p. 80.
- 21 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 71.
- 22 OLIVEIRA, *O que é Umbral*, disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=xf80E-fdmKM>
- 23 XAVIER, *Cartas e Crônicas*, p. 36.
- 24 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 150-151.
- 25 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172.
- 27 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 172-173.
- 28 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 156.
- 29 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 423.
- 30 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 446.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita 1858*, p. 67.
- 32 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 155.
- 33 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 52.
- 34 KARDEC, *Revista Espírita 1860*, p. 60.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 304.
- 36 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 66-67.
- 37 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 88.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 92.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, p. 172.

- 40 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 172.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 327.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita* 1862, p. 380-382.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 224, mensagem publicada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. VIII - Bem-aventurados os que têm puro o coração, item 20, p. 126.
- 44 *O Index Librorum Prohibitorum*, em tradução livre o Índice dos Livros Proibidos era uma lista de publicações consideradas heréticas, anticlericais ou lascivas e proibidas pela Igreja Católica. [...]. Nessa lista estavam livros que iam contra os dogmas da Igreja e que continham conteúdo tido como impróprio. (WIKIPEDIA, *Index Librorum Prohibitorum*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Index_Librorum_Prohibitorum)
- 45 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 231.
- 46 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 234.
- 47 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 257-258.
- 48 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 51-52.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 253-256.
- 50 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 12.
- 51 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 46-47.
- 52 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 253.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 255.
- 54 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 94.
- 55 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 161.
- 56 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 196.
- 57 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 242.
- 58 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 255.
- 59 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 60 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 257.
- 61 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258.

- 62 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 258-259.
- 63 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 268.
- 64 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 271-272.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita 1862*, 215.
- 66 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 282.
- 67 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 21.
- 68 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 298.
- 69 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 301.
- 70 KARDEC, *Revista Espírita 1864*, p. 218-222.
- 71 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 317-318.
- 72 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 319-320.
- 73 KARDEC, *Revista Espírita 1865*, p. 380.
- 74 KARDEC, *Revista Espírita 1867*, p. 238.
- 75 ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, *Johann Kasper Lavater*, disponível em:
<https://www.britannica.com/biography/Johann-Kaspar-Lavater>
- 76 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 76.
- 77 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 329.
- 78 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 73.
- 79 KARDEC, *Revista Espírita 1868*, p. 144-145.
- 80 Quando a morte o colheu em 31 de março de 1869, além dos fascículos publicados, referentes aos meses de janeiro a março, já estava no prelo o número de abril do mesmo ano, que Kardec redigira integralmente, passando os demais, a partir de maio, à responsabilidade direta de seus continuadores, tendo à frente, pelo Comitê de Redação, o Sr. Armand Théodore Desliens, na qualidade de Secretário-gerente da *Revista Espírita*. (KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 5)
- 81 KARDEC, *Revista Espírita 1869*, p. 470-471.
- 82 DENIS, *Depois da Morte*, p. 202.

- 83 DENIS, *No Invisível*, p. 124.
- 84 DELANNE, *Pesquisas Sobre Mediunidade*, p. 420.
- 85 OWEN, *A Vida Além do Véu*, p. 124-125.
- 86 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 28.
- 87 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 45.
- 88 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 152.
- 89 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 154-155.
- 90 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 104-106.
- 91 BOZZANO, *A Crise da Morte*, p. 99.
- 92 XAVIER, *Cartas de Uma Morta*, p. 68-69.
- 93 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 78-79.
- 94 BORGIA, *A Vida nos Mundos Invisíveis*, p. 117-118.
- 95 FRANCO, *Nas Fronteiras da Loucura*, p. 135.
- 96 FRANCO, *No Limiar do Infinito*, p. 116-117.
- 97 BROWNE, *O Outro Lado da Vida*, p. 221-224.
- 98 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 61.
- 99 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 63-64.
- 100 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 65.
- 101 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 78.
- 102 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 83.
- 103 DE ROCHAS, *As Vidas Sucessivas*, p. 101.
- 104 BRUNE, *Os Mortos nos Falam*, p. 193-194.
- 105 WAMBACH, *Recordando Vidas Passadas*, p. 101.
- 106 ALEXANDER III, *Uma Prova do Céu*, p. 35-38.
- 107 BEZ, *Os Milagres dos Nossos Dias*, p. 110.
- 108 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 69-72.
- 109 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 58.
- 110 XAVIER, *Ação e Reação*, p. 256
- 111 SILVA NETO SOBRINHO, *As Colônias Espirituais e a*

Codificação, disponível:

<https://www.ethoseditora.com.br/produto/colonias-espirituais-e-a-codificacao-as/>

- 112 PIRES, *O Infinito e o Finito, O Mistério do Bem e do Mal* e uma entrevista em “No Limiar do Amanhã”, programa 92 de 1972, disponível em: link <https://www.youtube.com/watch?v=tYlWegi0GoA&feature=youtu.be>.
- 113 PIRES, *O Mistério do Bem e do Mal*, p. 72-74.
- 114 MIRANDA, *Reencarnação e Imortalidade*, p. 68-69.
- 115 SHUBERT, *Testemunhos de Chico Xavier*, p. 236
- 116 PIRES, *Mediunidade (Vida e Comunicação)*, p. 75.
- 117 XAVIER, *Nosso Lar*, p. 70-71.
- 118 KARDEC, *O Céu e o Inferno*, p. 206.
- 119 KARDEC, *Revista Espírita 1859*, p. 283.